

ESCOLA DE COMANDO E ESTADO-MAIOR DO EXÉRCITO
ESCOLA MARECHAL CASTELLO BRANCO

Maj Inf AUGUSTO DE LIMA **ALBUQUERQUE**

**As ações da Rússia no Entorno Estratégico Brasileiro
nos 20 primeiros anos da Era Putin**



Rio de Janeiro
2020

Maj Inf AUGUSTO DE LIMA ALBUQUERQUE

As ações da Rússia no Entorno Estratégico Brasileiro nos 20 primeiros anos da Era Putin

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado à Escola de Comando e Estado-Maior do Exército, como requisito parcial para a obtenção do título de Especialista em Ciências Militares, com ênfase em Defesa.

Orientador: Ten Cel Alan Sander de Oliveira Jones

Rio de Janeiro
2020

A345a Albuquerque, Augusto de Lima

As ações da Rússia no Entorno Estratégico Brasileiro nos 20 primeiros anos da Era Putin./ Augusto de Lima Albuquerque —2020.

60 f. : il. ; 30 cm.

Orientação: Alan Sander de Oliveira Jones

Trabalho de Conclusão de Curso (Especialização em Ciências Militares)—Escola de Comando e Estado-Maior do Exército, Rio de Janeiro, 2020.

Bibliografia: f. 53 - 60

1. RÚSSIA 2. ENTORNO ESTRATÉGICO BRASILEIRO 3. VLADIMIR PUTIN. I. Título

CDD 355.4

Maj Inf AUGUSTO DE LIMA **ALBUQUERQUE**

As ações da Rússia no Entorno Estratégico Brasileiro nos 20 primeiros anos da Era Putin

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado à Escola de Comando e Estado-Maior do Exército, como requisito parcial para a obtenção do título de Especialista em Ciências Militares, com ênfase em Defesa Nacional.

Aprovado em 30 de outubro de 2020.

COMISSÃO AVALIADORA

Alan Sander de Oliveira Jones - TC Art - Presidente
Escola de Comando e Estado-Maior do Exército

Marco Antonio Barbosa - TC Com - Membro
Escola de Comando e Estado-Maior do Exército

Maurício José Lopes de Oliveira - TC Art - Membro
Escola de Comando e Estado-Maior do Exército

Ao Exército Brasileiro e a todos meus
camaradas de farda.

AGRADECIMENTOS

A Deus, pela saúde e paz.

À minha família por todo amor, apoio e sacrifício.

Ao Ten Cel Jones, pelas orientações e ensinamentos transmitidos.

O Papa, quando é escolhido deve ser o papa até o final da vida. Putin já se encontrou com três... (Piada contemporânea russa)

RESUMO

Os primeiros vinte anos de Vladimir Putin na liderança da Rússia marcaram a reinserção desse país como um dos protagonistas do tabuleiro geopolítico mundial. Dessa forma, o gigante euroasiático vem desenvolvendo diversas ações estratégicas ao redor do mundo. Algumas dessas ações são desenvolvidas dentro do Entorno Estratégico Brasileiro. Dentre elas, destacam-se as militares, muitas vezes combinadas com ações políticas e econômicas. Essas iniciativas não podem ser analisadas de uma forma pontual. Pelo contrário, devem ser observadas de uma perspectiva mais ampla, dentro de um quadro de avanços mútuos entre Estados Unidos e Rússia, cada um dentro da área que o outro tomou como seu domínio. Sendo assim, essas ações devem ser acompanhadas com atenção pelo Brasil, sob o risco delas se chocarem com os interesses nacionais ou com os objetivos nacionais de defesa que o País estabeleceu para a área.

Palavras-chave: Rússia. Vladimir Putin. Entorno Estratégico Brasileiro. Objetivos Nacionais de Defesa.

ABSTRACT

The Vladimir Putin's first twenty years in Russia's leadership marked the reintegration of that country as one of the protagonists of the world's geopolitical board. In this way, the Eurasian giant has been developing several strategic actions around the world. Some of these actions are developed within the Brazilian Strategic Environment. Among them, the military stands out, often combined with political and economic actions. These initiatives cannot be analyzed in a timely manner. On the contrary, they must be observed from a broader perspective, within a framework of mutual advances between the United States and Russia, each within the area that the other has taken as his domain. Therefore, these actions must be carefully monitored by Brazil, at the risk of them clashing with national interests or with the national defense objectives that the country has established for the area.

Keywords: Russia. Vladimir Putin. Brazilian Strategic Environment. National Defense Goals.

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

ABC	Agência Brasileira de Cooperação
BRICS	Fórum Brasil, Rússia, Índia, China e África do Sul
CPLP	Comunidade dos Países de Língua Portuguesa
EEB	Entorno Estratégico Brasileiro
END	Estratégia Nacional de Defesa
IBAS	Fórum de Diálogo Índia-Brasil-África do Sul
MD	Ministério da Defesa
OTCA	Organização do Tratado de Cooperação Amazônica
PND	Política Nacional de Defesa
URSS	União das Repúblicas Socialistas Soviéticas
ZEE	Zona Econômica Exclusiva
ZOPACAS	Zona de Paz e Cooperação do Atlântico Sul

LISTA DE FIGURAS

Figura 1- O Entorno Estratégico Brasileiro	15
Figura 2- Mapa dos Cabos submarinos no Brasil.....	29

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	12
1.1 METODOLOGIA.....	14
2 REFERENCIAL TEÓRICO	15
2.1 O ENTORNO ESTRATÉGICO BRASILEIRO	15
2.2 A POLÍTICA DE DEFESA DO BRASIL NA REGIÃO	16
2.3 A POLÍTICA EXTERNA RUSSA PARA A REGIÃO DO ENTORNO ESTRATÉGICO BRASILEIRO.....	17
3 OS INTERESSES BRASILEIROS NO EEB SEGUNDO OS OBJETIVOS NACIONAIS DE DEFESA	18
3.1 OS INTERESSES BRASILEIROS NA AMÉRICA DO SUL E MAR DO CARIBE	19
3.2 OS INTERESSES BRASILEIROS NOS PAÍSES LINDEIROS DA ÁFRICA	22
3.3 OS INTERESSES BRASILEIROS NO ATLÂNTICO SUL	25
3.4 OS INTERESSES BRASILEIROS NA ANTÁRTICA	30
4 AS AÇÕES RUSSAS NO ENTORNO ESTRATÉGICO BRASILEIRO	33
4.1 AS AÇÕES RUSSAS NA AMÉRICA DO SUL E CARIBE	33
4.2 AS AÇÕES RUSSAS NOS PAÍSES LINDEIROS DA ÁFRICA	41
4.3 AS AÇÕES RUSSAS NO ATLÂNTICO SUL.....	46
4.4 AS AÇÕES RUSSAS NA ANTÁRTICA.....	48
5. DISCUSSÃO	49
5.1 AS AÇÕES RUSSAS E OS INTERESSES BRASILEIROS NA AMÉRICA DO SUL E CARIBE.....	49
5.2 AS AÇÕES RUSSAS E OS INTERESSES BRASILEIROS NOS PAÍSES LINDEIROS DA ÁFRICA	50
5.3 AS AÇÕES RUSSAS E OS INTERESSES BRASILEIROS NO ATLÂNTICO SUL	50
5.4 AS AÇÕES RUSSAS E OS INTERESSES BRASILEIROS NA ANTÁRTICA .	51
6. CONCLUSÃO	51
REFERÊNCIAS	53

1 INTRODUÇÃO

A Rússia, gigante euroasiático, ressurgiu em 1991 como o principal país da extinta União das Repúblicas Socialistas Soviéticas (URSS). Entretanto, logo depois, entrou em uma profunda crise econômica e social que perdurou por toda a década de 1990, despertando em muitos russos “o sentimento de que haviam perdido sua identidade nacional”. (DEFESANET, 2019a).

Na virada do Século XX, Vladimir Vladimirovitch Putin assumiu o comando da Federação Russa. Desde então, o país (e o mundo) assistiu à reinserção da Rússia no panorama mundial. Impulsionado pelo *boom* das *commodities* do início dos anos 2000 (sua economia cresceu em uma média de cerca de 7% entre 1998 e 2008) e por reformas políticas internas que aumentaram o poder do presidente. Campanhas como a da Geórgia (2008) e da Criméia (2014) fizeram a sua popularidade ficar acima dos 85%, associando a imagem de Putin “à restauração do sentimento de orgulho nacional da Rússia”. (CENTRAL INTELLIGENCE AGENCY, 2003; DEFESANET, 2019; SAHUQUILLO, 2019; UCLA INTERNATIONAL INSTITUTE, 2004).

Esse fortalecimento da Rússia também refletiu em outras partes do planeta, a exemplo da América Latina, onde o país reestabeleceu velhas ligações da época da antiga URSS, como a visita de Putin à Cuba em 2000, a convite de Fidel Castro (SECCHES, 2014).

Assim, no início do Século XXI foram estendidas e aprofundadas as relações diplomáticas da Rússia com os países da América Latina e Caribe, como exemplo, a visita de Putin ao México, em 2004 e a visita de Hugo Chaves à Rússia de Hugo Chaves em 2002 e dos ex-presidentes Ricardo Lagos, do Chile, e Fernando Henrique Cardoso, do Brasil em 2002. (TIRADO e colab., 2018).

Esses laços foram estreitados em diversas esferas, desde a econômica, como ocorrido com o perdão da dívida cubana da Guerra Fria, perpassando pela política, como o apoio ao regime de Nicolás Maduro na Venezuela, até na militar, com a venda de armas aos países latino-americanos que, em 2007, representaram 14% das exportações bélicas russas. (TIRADO e colab., 2018).

A Concepção da Política exterior da Federação Russa de 2016, também, mostra o interesse russo em uma escala global, abrangendo, além da América Latina, a África e Antártica. Sendo assim, é crescente a preocupação brasileira diante da atuação da Rússia nos últimos 20 anos em seu entorno estratégico. Com base no supracitado, o presente trabalho aborda as ações da Rússia no Entorno Estratégico Brasileiro nos primeiros 20 anos da Era Putin.

Dessa maneira, nos primeiros vinte anos do governo Putin, ficou patente a reinserção da Rússia no cenário mundial como protagonista. Essa influência chegou também no Caribe e na América do Sul, Entorno Estratégico Brasileiro.

Nesse contexto, foi formulado o seguinte problema: de que forma as ações russas no Entorno Estratégico Brasileiro afetam os interesses do Brasil nessa região?

Como forma de estabelecer rumos e definir direções, foram estabelecidos objetivos para o presente estudo. O objetivo geral foi definido da seguinte forma: Estabelecer de que forma as ações russas no Entorno Estratégico Brasileiro afetam os interesses do Brasil nessa região.

Com a finalidade de atingir o objetivo geral proposto, foram traçados os seguintes objetivos específicos:

Apresentar o Entorno Estratégico Brasileiro (EEB);

Apresentar os interesses brasileiros no EEB de acordo com os Objetivos Nacionais de Defesa;

Apresentar a política externa russa em relação à América do Sul, Caribe, Antártica e África na Era Putin; e

Apresentar as ações russas no EEB (América do Sul, Atlântico Sul, Caribe, Antártica e países limítrofes da África).

No que tange a delimitação, o presente estudo limitou-se às ações russas nos campos militar e político (quando relacionado à segurança e defesa), bem como dos interesses brasileiros nesses mesmos campos do poder na área do EEB.

Foi considerado como o início da Era Putin, o dia 7 de maio de 2000, dia no qual Vladimir Putin assumiu o mandato de Presidente da Federação Russa. Este dia, por simbolizar a assunção ao poder legitimada pelo voto popular, representou o marco inicial deste trabalho, a despeito de Putin já se encontrar no

poder da Rússia desde agosto de 1999, quando o então presidente Boris Yeltsin anunciou sua nomeação como Chefe de Governo. (FRANCE PRESSE, 2019).

Desde então, a Rússia retornou ao rol dos maiores *players* mundiais, principalmente nos campos político e militar. Rivaliza com a China pelo posto de segunda maior potência militar do planeta e influencia a política nos diversos continentes, inclusive, em áreas de interesse do Brasil na América do Sul e Mar do Caribe e na África. (RIOS, 2017; Rússia, 2015)

No campo econômico, atualmente a Rússia é a 10ª economia do mundo e membro dos BRICS, ao lado do Brasil, o que revela um cenário de defesa dos interesses brasileiros sem perder a relação de cooperação com os russos. (RIBEIRO, 2020; BRASIL, 2019)

A relevância do assunto para o Brasil ocorre por esses eventos se darem dentro do Entorno Estratégico Brasileiro, inclusive em países fronteiriços como Venezuela e Bolívia, além do Atlântico Sul. Dessa forma, há de se estudar os impactos dessas ações nos campos político, econômico e militar. (GEOMERCOSUL, 2019; MONTEIRO, 2020)

1.1 METODOLOGIA

O presente estudo foi realizado, principalmente, por meio de uma pesquisa bibliográfica, pois baseou-se sua fundamentação teórico-metodológica na investigação sobre os assuntos relacionados às ações russas no EEB em livros, manuais e artigos de acesso livre ao público em geral, incluindo-se nesses aqueles disponibilizados pela rede mundial de computadores.

O universo do presente estudo foram os documentos oficiais relacionados à política externa dos países envolvidos, trabalhos acadêmicos relacionados tanto à política externa russa quanto à defesa do EEB. Da mesma forma, foram consultados artigos de veículos de comunicação de grande veiculação e credibilidade que noticiam ações russas na área de interesse do Brasil.

A coleta de dados do presente trabalho foi realizada através de uma coleta na literatura, realizando-se uma pesquisa bibliográfica na literatura disponível, tais como livros, manuais, revistas especializadas, jornais, artigos, internet,

monografias, teses e dissertações, sempre buscando os dados pertinentes ao assunto.

2 REFERENCIAL TEÓRICO

2.1 O ENTORNO ESTRATÉGICO BRASILEIRO

Há 85 anos, Mário Travassos, patrono da Geopolítica Brasileira, já defendia a necessidade do Brasil expandir sua influência na América do Sul e Mar do Caribe, por meio de sua obra: *Projeção Continental do Brasil*. Nesse livro, o autor expôs a vocação brasileira para a liderança nessa área por meio de suas características naturais e geográficas, norteando eixos de desenvolvimento regional terrestre e oceânico. (TRAVASSOS, 1938).

Figura 1- O Entorno Estratégico Brasileiro



Fonte: ROCHA (s/d) apud SIMIONI, 2014, p. 24.

Em 1976, Therezinha de Castro defendeu a reivindicação brasileira ao espaço na Antártica em seu livro "Rumo à Antártica". Utilizou a Teoria da Defrontação, inspirada na teoria dos setores aplicada para a determinação de soberania sobre o Ártico. (CASTRO, 1976).

Desde os anos 1970, o Brasil já buscava aproximação com a África. Com a criação da Zona de Paz e Cooperação do Atlântico Sul (ZOPACAS), em 1986, o país se aproximou ainda mais o continente africano do Brasil, do Uruguai e da Argentina, permitindo inúmeras parcerias militares, além de outras iniciativas multilaterais transregionais como o Fórum de Diálogo Índia-Brasil-África do Sul (IBAS) e o “crescente diálogo sobre segurança e defesa no âmbito da Comunidade dos Países de Língua Portuguesa (CPLP)”. (ABDENUR e NETO, 2014)

Assim, de acordo com a Política Nacional de Defesa e com o Livro Branco de Defesa Nacional, o Entorno Estratégico Brasileiro “extrapola a região sul-americana e inclui o Atlântico Sul e os países limítrofes da África, assim como a Antártica. Ao Norte, a proximidade do mar do Caribe impõe que se dê crescente atenção a essa região”. (BRASIL, 2012a; BRASIL, 2012b)

2.2 A POLÍTICA DE DEFESA DO BRASIL NA REGIÃO

As relações internacionais envolvem um “complexo jogo de atores, interesses e normas que estimulam ou limitam a capacidade de atuação dos Estados.” (BRASIL, 2012b). Em um contexto de múltiplas influências e de interdependência, os países buscam realizar seus interesses nacionais, podendo encorajar alianças ou gerar conflitos de variadas intensidades.

A Constituição da República Federativa do Brasil de 1988, em seu Artigo 4º, dispõe sobre os princípios que regem suas relações internacionais, como a defesa da paz, a solução pacífica dos conflitos e a cooperação entre os povos para o progresso da humanidade. (BRASIL, 1988).

A Política Nacional de Defesa (PND) está alinhada com esses princípios. Ela entende a América do Sul como um ambiente relativamente pacífico, onde o Brasil deve aprofundar seus laços de cooperação, com o objetivo de “aumentar a confiança mútua e a favorecer soluções negociadas de eventuais conflitos”. (BRASIL, 2012b).

Nesse sentido esse documento elenca uma série de fatores que contribuem para reduzir as chances de conflitos no EEB:

(...) o fortalecimento do processo de integração, [...]; o estreito relacionamento entre os países amazônicos, no âmbito da Organização do Tratado de Cooperação Amazônica; a intensificação da cooperação e do comércio com países da África, da América Central e do Caribe, inclusive

a Comunidade dos Estados Latino-Americanos e Caribenhos (Celac), facilitada pelos laços étnicos e culturais; o desenvolvimento de organismos regionais; a integração das bases industriais de defesa; a consolidação da Zona de Paz e de Cooperação do Atlântico Sul e o diálogo continuado nas mesas de interação inter-regionais, como a cúpula América do Sul-África (ASA) e o Fórum de Diálogo Índia-Brasil-África do Sul (Ibas). A ampliação, a modernização e a interligação da infraestrutura da América do Sul, com a devida atenção ao meio ambiente e às comunidades locais, podem concretizar a ligação entre seus centros produtivos e os dois oceanos, facilitando o desenvolvimento e a integração.(BRASIL, 2012b).

Além disso, o documento tem especial consciência de que a segurança do País é afetada pelo grau de estabilidade da região onde ele está inserido. Dessa forma, defende o “consenso, a harmonia política e a convergência de ações entre os países vizinhos”. (BRASIL, 2012b).

2.3 A POLÍTICA EXTERNA RUSSA PARA A REGIÃO DO ENTORNO ESTRATÉGICO BRASILEIRO

A Concepção da Política Exterior da Federação Russa de 2016 orienta sua política exterior do país. Entre outras tarefas previstas no documento destaca-se “consolidar as posições da Federação Russa como um dos centros de influência do mundo moderno”. (RÚSSIA, 2016).

Em relação à América do Sul e Mar do Caribe o documento prevê:

98. A Rússia continuará estreitando as relações com os países da América do Sul e Mar do Caribe e do Caribe por todos os meios possíveis, dada a crescente importância desta região nos assuntos internacionais. A Rússia buscará consolidar os vínculos com os sócios latino-americanos dentro dos foros internacionais e regionais, ampliar a cooperação com alianças multilaterais e associações para a integração da América do Sul e Mar do Caribe e do Caribe, como a Comunidade dos Estados Latino-americanos e Caribenhos, o Mercado Comum do Sul, a União das Nações Sul-americanas, o Sistema de Integração Centro-americana, a Aliança Bolivariana para os Povos da Nossa América, a Aliança do Pacífico e a Comunidade do Caribe. (RÚSSIA, 2016) (tradução nossa)

O mesmo documento determina a ampliação da cooperação bilateral ou multilateral com os Estados africanos, inclusive para aqueles que estão dentro do EEB, por meio do desenvolvimento de laços comerciais e econômicos, além de cooperação em diversas áreas. A Antártica, também recebe atenção, sendo prevista a manutenção e ampliação, da presença russa na região. (RÚSSIA, 2016)

3 OS INTERESSES BRASILEIROS NO EEB SEGUNDO OS OBJETIVOS NACIONAIS DE DEFESA

Segundo a Política Nacional de Defesa (PND), as relações internacionais são formadas por um complexo jogo de atores, interesses e normas, que estimulam ou limitam a capacidade de atuação dos Estados. Dentro desse ambiente de “múltiplas influências e de interdependência, os países buscam realizar seus interesses nacionais, podendo encorajar alianças ou gerar conflitos de variadas intensidades”. (BRASIL, 2012b).

Sendo assim, o Estado Brasileiro procura estruturar sua Defesa Nacional “compatível com a estatura político-estratégica do País para preservar a soberania e os interesses nacionais.” (BRASIL, 2012b). Dessa forma, o documento elencou em seu Capítulo 6 os Objetivos Nacionais de Defesa.

Dentro desses objetivos destacam-se aqueles relacionados para a atuação internacional:

- II. defender os interesses nacionais e as pessoas, os bens e os recursos brasileiros no exterior;
- IV. contribuir para a estabilidade regional;
- V. contribuir para a manutenção da paz e da segurança internacionais;
- VI. intensificar a projeção do Brasil no concerto das nações e sua maior inserção em processos decisórios internacionais
- IX. desenvolver a indústria nacional de defesa, orientada para a obtenção da autonomia em tecnologias indispensáveis.(BRASIL, 2012b)

Além disso, segundo o Livro Branco de Defesa Nacional, para ampliar a projeção do internacional do País e “reafirmar seu compromisso com a defesa da paz e com a cooperação entre os povos” (BRASIL, 2012a), o Brasil promove ações que se destinam a (entre outras):

- “intensificar o intercâmbio com as Forças Armadas de outras nações, particularmente com as da América do Sul e da costa ocidental da África, e reforçar laços com outros países que interagem em fóruns de concertação como o IBAS e o BRICS, além de parcerias tradicionais.” (BRASIL, 2012a).

Neste documento, ainda estão previstas as ações estratégicas que deverão orientar a Estratégica Nacional de Defesa. Entre elas, destaca-se as de promoção da Estabilidade Regional e da Inserção Internacional. (BRASIL, 2012a).

No que se refere à Estabilidade Regional, destacam-se as atividades destinadas “à manutenção da estabilidade regional e à cooperação nas áreas de

fronteira do País” (BRASIL, 2012a); às parcerias estratégicas nas áreas cibernética, espacial e nuclear e o intercâmbio militar com as Forças Armadas das nações amigas, particularmente com a América do Sul e países limítrofes ao Atlântico Sul; e da contribuição para a expansão e consolidação da integração regional, com ênfase na pesquisa e desenvolvimento de projetos comuns de produtos de defesa.

Já no que se refere à Inserção Internacional, o Livro Branco de Defesa Nacional defende o incremento da atuação do Ministério da Defesa (MD) e demais ministérios, dentre outros:

- Nos processos internacionais relevantes de tomada de decisão, aprimorando e aumentando a capacidade de negociação do Brasil;
- Nos processos de decisão sobre o destino da Região Antártica;
- Em ações que promovam a ampliação da projeção do País no concerto mundial e reafirmar o seu compromisso com a defesa da paz e com a cooperação entre os povos;
- [...]
- No relacionamento entre os países amazônicos, no âmbito da Organização do Tratado de Cooperação Amazônica;
- Na intensificação da cooperação e do comércio com países da África, da América Central e do Caribe, inclusive a Comunidade dos Estados Latino-Americanos e Caribenhos (CELAC); e
- Na consolidação da Zona de Paz e de Cooperação do Atlântico Sul (ZOPACAS), e o incremento na interação inter-regionais (sic), como a Comunidade de Países de Língua Portuguesa (CPLP), a cúpula América do Sul-África (ASA) e o Fórum de Diálogo Índia-Brasil-África do Sul (IBAS). (BRASIL, 2012a).

3.1 OS INTERESSES BRASILEIROS NA AMÉRICA DO SUL E MAR DO CARIBE

O continente Sul-americano é uma região desnuclearizada e longe dos principais focos de tensão do mundo, sendo considerada relativamente pacífica. Além disso, seus Estados componentes possuem a tradição de procurar soluções negociadas para eventuais conflitos. (BRASIL, 2012b).

A agenda brasileira para a América do Sul e Mar do Caribe contempla uma pauta diversificada. Há interesses econômicos, financeiros, políticos e de segurança. Essa região é uma área natural de atuação do Brasil, não podendo ser deixada de lado. (GAZETA DIGITAL, 2007).

O Brasil demonstra uma postura conciliatória e convive em paz com seus vizinhos há mais de 140 anos, contribuindo historicamente para a estabilização da região. “A estabilidade e a prosperidade do entorno brasileiro reforçam a

segurança do País e têm efeitos positivos sobre todos os países da América do Sul”. (BRASIL, 2012a)

De acordo com a Política Nacional de Defesa:

A segurança de um país é afetada pelo grau de estabilidade da região onde ele está inserido. Assim, é desejável que ocorram o consenso, a harmonia política e a convergência de ações entre os países vizinhos para reduzir os delitos transnacionais e alcançar melhores condições de desenvolvimento econômico e social, tornando a região mais coesa e mais forte. (BRASIL, 2012b).

Entretanto, segundo o mesmo documento, zonas de instabilidade e de ilícitos transnacionais podem provocar o transbordamento de conflitos para outros países do continente. “A persistência desses focos de incertezas é, também, elemento que justifica a prioridade à defesa do Estado, de modo a preservar os interesses nacionais, a soberania e a independência”. (BRASIL, 2012b).

Na Constituição Federal de 1988, no parágrafo único do Artigo 4º, diz o seguinte: “a República Federativa do Brasil buscará a integração econômica, política, social e cultural dos povos da América Latina visando a formação de uma comunidade latino-americana de nações”. (BRASIL, 1988).

Segundo o ex-ministro das Relações Exteriores Celso Lafer, esse trecho trata do reconhecimento do papel da América Latina para a política externa do Brasil, levando em conta as especificidades da região. (LAFER, 2018)

Ainda segundo Lafer, o interesse nacional na região da América do Sul é assegurar a paz na região e estimular o progresso dos países vizinhos. Essa estabilidade visa facilitar e não impedir o desenvolvimento do Brasil, transformando “fronteiras separação” em “fronteiras cooperação”. (LAFER, 2018).

Nesse contexto, a região amazônica ganha destaque especial. A floresta, pela potencialidade de suas riquezas, é objeto de cobiça bem como da preocupação honesta de ambientalistas, cujo interesse é a preservação da floresta para o bem da humanidade. (RECH, 2017).

Segundo o IBGE, cerca de 60% da floresta amazônica encontra-se no Brasil, e os 40% restantes distribuem-se entre a Bolívia, Colômbia, Equador, Guiana, Guiana Francesa, Peru, Suriname e Venezuela. A região que compreende a floresta amazônica representa cerca de 40% das terras da

América do Sul e de 60% do território nacional, abrigando 30% das reservas mundiais de floresta e 20% da disponibilidade de água doce da Terra. Essa região abriga grande riqueza mineral e biodiversidade natural, representando o maior banco genético de espécies animais e vegetais do mundo. (BRASIL, 2011).

Devido a sua importância estratégica, a Amazônia apresenta aos países que fazem parte deste ecossistema grandes desafios e oportunidades. A conveniência de “conjuguar esforços para o desenvolvimento harmônico da Amazônia, com equilíbrio entre desenvolvimento econômico e preservação do meio ambiente”, constitui princípio fundador da Organização do Tratado de Cooperação Amazônica (OTCA), bloco socioambiental formado pelos Estados que partilham o território Amazônico: Brasil, Bolívia, Colômbia, Equador, Guiana, Peru, Suriname e Venezuela. (BRASIL, [S.d.]).

As origens da organização seu deu por iniciativa brasileira, quando em 1978 os oito países amazônicos assinaram, em Brasília, o Tratado de Cooperação Amazônica (TCA). Esse documento tinha como objetivo promover o desenvolvimento integral da região e o bem-estar de suas populações, além de reforçar a soberania dos países sobre seus territórios amazônicos. (BRASIL, [S.d.]).

Segundo Meira Mattos a “diplomacia da aproximação” executada pelo Itamaraty junto aos países vizinhos lançou as bases não só para uma cooperação multilateral no esforço de continentalização da América do Sul, como também enfraqueceu um possível sentimento de imperialismo brasileiro sentido pelos demais países. (FREITAS, 2004).

Duas décadas depois, os países firmaram Protocolo de Emenda ao Tratado de Cooperação Amazônica, criando a OTCA, organização internacional dotada de secretaria permanente e orçamento próprio. Em dezembro de 2002 foi assinado, no Palácio do Planalto, Acordo de Sede entre o Governo brasileiro e a OTCA, que estabeleceu em Brasília a sede da Secretaria Permanente da Organização. Cabe ressaltar que a OTCA é a única organização internacional multilateral sediada no Brasil.

Segundo a Agenda Estratégica de cooperação amazônica, aprovada na décima Reunião de Ministros de Relações Exteriores do TCA em 2010, a OTCA tem como visão de futuro:

“Uma Organização reconhecida nos Países Membros e no âmbito internacional como referencial em cooperação regional, em discussão e posicionamento em temas da agenda internacional relativos à Amazônia e em intercâmbio de experiências, atuando com base nos princípios de pleno exercício da soberania no espaço amazônico, de respeito e de harmonia com a natureza, de desenvolvimento integral sustentável e de redução das assimetrias dos Estados da Região”. (OTCA, 2010).

Além disso, o organismo tem como missão, entre outras, “ser um fórum permanente de cooperação, intercâmbio e conhecimento, guiado pelo princípio de redução das assimetrias regionais entre os Países Membros” (OTCA, 2010). Ademais, visa a atuar segundo o “princípio do desenvolvimento sustentável e os modos de vida sustentável, em harmonia com a natureza e o meio ambiente e levando em consideração a legislação interna dos Países Membros”. (OTCA, 2010).

Dessa forma, observa-se que o principal interesse do País no seu entorno estratégico relacionado à América do Sul, é a manutenção da paz e da harmonia na região, defendendo os interesses nacionais e as pessoas, os bens e os recursos brasileiros, bem como contribuir para a estabilidade regional.

3.2 OS INTERESSES BRASILEIROS NOS PAÍSES LINDEIROS DA ÁFRICA

A África influenciou significativamente o processo de formação da Nação Brasileira. Laços culturais, linguísticos e étnicos unem os brasileiros aos africanos.

Nesse escopo, e pela proximidade geográfica, os países da costa oeste da África recebem especial atenção em relação à Defesa Nacional com a finalidade de projeção do Brasil no contexto mundial, reafirmando seu compromisso com a defesa da paz e com a cooperação entre os povos. Sendo assim, o País promove ações que visam a intensificar o intercâmbio com as Forças Armadas de outras nações da costa ocidental da África, e reforçar laços com outros países que interagem em fóruns de concertação como o IBAS e o BRICS. (BRASIL, 2012a).

A África do Sul é o principal parceiro estratégico do Brasil no continente. O país mais desenvolvido da África Austral é coparticipante, juntamente com o Brasil, do IBAS e do BRICS.

O Programa Míssil Ar-Ar é um grande exemplo dessa parceria. O projeto foi iniciado em 2006, sendo executado pela Força Aérea Brasileira (FAB) e pela Força Aérea da África do Sul. O projeto busca desenvolver um míssil de defesa, de aeronave contra aeronave, de curto alcance, de quinta geração, capaz de realizar manobras para atingir alvos durante o voo, com sistema de detecção infravermelho. (BRASIL, 2012a).

Dessa forma, Brasil e África do Sul têm projetos para unir suas bases de estudo e pesquisa tecnológica de defesa. O intuito é conquistarem novos mercados e se tornarem fortes a ponto de competir com países mais desenvolvidos no setor. (BRASIL, 2014a).

Ademais, o continente africano é um dos maiores clientes de produtos de defesa brasileiros. Por exemplo, a aeronave de ataque leve A-29 Super Tucano, da Embraer, é operado por diversas forças aéreas africanas, entre elas as de Mali, Mauritânia, Gana, Senegal e Angola. Normalmente, o contrato de venda compreende, além das aeronaves, apoio logístico para operação dos aviões, assim como a instalação de sistemas de treinamento para pilotos e mecânicos. (VINHOLES, 2015).

Segundo Luiz Carlos Aguiar, presidente da Embraer Defesa & Segurança, "o interesse dos países africanos pelo Super Tucano é devido a suas características de robustez, eficiência e versatilidade - tudo isso associado ao baixo custo, de aquisição e de operação" (GODOY, 2013).

Merece destaque, também, os países africanos membros da Comunidade dos Países de Língua Portuguesa (CPLP), composto por nove países, dos quais cinco estão no EEB (Angola, Cabo Verde, Guiné-Bissau, Guiné Equatorial e São Tomé e Príncipe). A CPLP é definida como um fórum multilateral para aprofundamento da amizade e cooperação mútua, utilizando unidade da língua falada a sua principal base de cooperação e o fundamental elemento agregador. (PRAZERES, 2019)

A cooperação técnico-militar surgiu como uma consequência natural dentro da própria CPLP. Os membros da comunidade reconhecem a necessidade da cooperação militar e reafirmam o respeito às soberanias nacionais e a independência política de cada Estado, pontuando que a paz e a segurança são primordiais para a frutífera parceria. "Deste ponto, a cooperação

surge como um meio a mais de compartilhamento, neste caso, de ideias e conhecimentos de segurança e defesa, não constituindo-se em uma aliança militar de proteção mútua”. Essa comunidade possui uma Secretaria Permanente para Assuntos de Defesa. (PRAZERES, 2019).

O Exercício Felino caracteriza bem essa cooperação. Realizado entre os países da CPLP, é um exercício conjunto e combinado, que permite a integração entre as Forças Armadas, estreitando laços de amizade, confiança mútua e percepção do nosso nível de integração. (PRAZERES, 2019).

No ano de 2017, a operação foi realizada no Brasil, coordenada pelo Estado-Maior Conjunto das Forças Armadas (EMCFA), sob supervisão das Organizações das Nações Unidas (ONU), constituindo uma Força Tarefa Conjunta e Combinada (FTCC). Seu objetivo foi o adestramento integrado dos militares para atuação em missões de paz e de assistência humanitária. (BRASIL, 2017)

Ademais, o Brasil desenvolve diversos projetos de cooperação de defesa com os países africanos. A Agência Brasileira de Cooperação (ABC), em parceria com o Ministério da Defesa, oferece vagas para militares da América Latina e da África em diversos cursos no âmbito da defesa, objetivando fortalecer as relações bilaterais, por meio da cooperação técnica e do intercâmbio de experiências com países prioritários para o Governo brasileiro. (BRASIL, 2014b)

Dessa maneira, em 2010, foi celebrado o Acordo de Cooperação Técnica na Área da Defesa. Ao longo de 2013, representantes de Moçambique, Angola, Nigéria, Cabo Verde, Senegal e São Tomé e Príncipe participaram de capacitações de curto e longo prazo, oferecidas pelas Forças Armadas brasileiras. (BRASIL, 2014b).

O Brasil possui laços históricos com outros países africanos, mantendo relações próximas nos planos político e militar. O País foi a primeira nação a reconhecer a independência de Angola, em 1975, participando de missões de paz da ONU no país nos anos 90. A nação africana é compradora de material militar brasileiro, já tendo adquirido aviões de ataque leve Super Tucano, da Embraer, por exemplo. (BRASIL, 2013b).

A Namíbia é outro aliado no continente. Esse país contou com o importante auxílio do Brasil para a criação de sua Marinha. Muitos dos militares que integram a Força Naval da Namíbia foram e ainda são formados em escolas da Marinha brasileira. O Brasil também fez o levantamento da plataforma continental da nação africana, trabalho que agora está sendo realizado em Angola. (BRASIL, 2013b).

Há mais de duas décadas, a Marinha do Brasil tem mantido um forte programa de cooperação com a força naval da Namíbia, que inclui desde a formação de oficiais e praças militares em escolas brasileiras até a doação e venda de navios. Devido a isso, muitos oficiais namibianos falam português, e outros se encontram atualmente fazendo cursos em instituições de ensino da Marinha, o que facilita a cooperação em defesa entre os dois países. (BRASIL, 2013a).

A Namíbia também é um importante importador de embarcações militares do Brasil. No início da década passada o país comprou duas lanchas patrulhas e um navio patrulha de 200 toneladas, o Brendan Simbwaye, o primeiro navio construído por uma indústria privada do País a ser exportado, fabricado pela Inace. (DIÁRIO DO NORDESTE, 2009).

Dessa forma, verifica-se que os interesses do Brasil, de acordo com os Objetivos Nacionais de Defesa, nos países africanos enquadrados no EEB, são amplos. Primeiramente, há a busca de cooperação tecnológica, como é o caso das parcerias com a África do Sul, e da venda de material militar, tudo com o objetivo de desenvolvimento da Indústria Nacional de Defesa. Ademais, existe a cooperação de defesa com os diversos países, membros da CPLP ou não, visando a contribuição para a manutenção da paz e da segurança internacionais, além de intensificar a projeção do Brasil no concerto das nações e sua maior inserção em processos decisórios internacionais.

3.3 OS INTERESSES BRASILEIROS NO ATLÂNTICO SUL

O Brasil é o país com a maior costa atlântica do mundo. O litoral brasileiro se estende por 7,4 mil km, aproximadamente. Na área marítima brasileira, sobre o oceano Atlântico, cruzam importantes rotas de navegação, vitais para a economia nacional e do subcontinente. Aí estão localizadas as reservas do pré-

sal brasileiro, de alto significado econômico, político e estratégico. por todas as razões citadas, especial interesse na paz e segurança do Atlântico Sul. (BRASIL, 2012a).

O Brasil tem uma posição de destacada no Atlântico Sul, graças a sua dimensão de país continental, a sua economia que o coloca, atualmente, entre as dez maiores do mundo, à sua capacidade de liderar processos de integração regional com base em preceitos de paz e cooperação e a sua efetiva e crescente presença nas suas águas jurisdicionais, com horizonte favorável para estendê-la junto às nações amigas do continente africano. Essa opção, por uma projeção pacífica e cooperativa, tem sido favorecida, antes de tudo, pela configuração geopolítica do país e seu entorno regional e estratégico. (COSTA, 2014)

Um exemplo disso, foi a posição brasileira quando, sob o mandato da Convenção sobre o Direito do Mar, delimitou a Zona Econômica Exclusiva e pôde defini-la como área de soberania estendida sem nenhuma espécie de contestação, ou o processo de delimitação da Plataforma Continental. (COSTA, 2014).

Ademais, o Oceano Atlântico possui áreas estratégicas importantes. A exemplo, a “Garganta Atlântica”, área entre a costa do nordeste brasileiro e a África ocidental, espaço intercontinental de vital importância para o comércio mundial. Sem contar as passagens ao sul, que ligam o Atlântico ao Pacífico, constituindo uma via alternativa ao canal do Panamá, principalmente para os navios de grande porte. A rota do cabo da Boa Esperança, conectando o Atlântico Sul ao oceano Índico, é uma alternativa ao canal de Suez e oferece também o melhor acesso marítimo à Antártica. (BRASIL, 2012a).

Segundo Theresinha de Castro, “sob o ponto de vista estratégico, sabe-se hoje que a defesa da América do Sul é sobretudo de índole marítima e não mais um problema continental; é essencialmente o domínio do mar no Atlântico”. Para a autora, o Brasil não pode se mostrar indiferente à sua responsabilidade geográfica na região, uma vez que conta com o maior litoral banhado por esse oceano. (CASTRO, 1976).

O Livro Branco de Defesa assim delimita a zona do EEB compreendida no Atlântico Sul:

As áreas marítimas estratégicas de maior prioridade e importância para o Brasil são representadas pelas águas jurisdicionais brasileiras (AJB), as

quais incluem o mar territorial (MT), a zona contígua (ZC), a zona econômica exclusiva (ZEE) e a plataforma continental (PC), bem como a região compreendida entre o Paralelo 16 norte, a costa oeste da África, a Antártica, o leste da América do Sul e o leste das Antilhas Menores. (BRASIL, 2012a).

Além disso, o País também dedica, junto a seus vizinhos da África Ocidental, especial atenção à construção de um ambiente cooperativo no Atlântico Sul, sob a égide da Zona de Paz e Cooperação do Atlântico Sul (ZOPACAS). (BRASIL, 2012a).

A ZOPACAS foi criada em outubro de 1986, fruto de uma iniciativa brasileira apresentada à Assembleia Geral da ONU onde propunha a criação, em conjunto com os demais estados da América do Sul e da África banhados pelo Atlântico Sul, uma organização ensejada na proposta de cooperação e paz. (CALDAS, 2013).

A Resolução nº 41/11 da Assembleia Geral das Nações Unidas cria, então, a ZOPACAS. Criada em 1986 pelas Nações Unidas, a ZOPACAS conta, atualmente, com 24 membros — África do Sul, Angola, Argentina, Benin, Brasil, Cabo Verde, Camarões, Congo, Costa do Marfim, Gabão, Gâmbia, Gana, Guiné, Guiné-Bissau, Guiné Equatorial, Libéria, Namíbia, Nigéria, República Democrática do Congo, São Tomé e Príncipe, Senegal, Serra Leoa, Togo e Uruguai. (BRASIL, 2012a).

Segundo essa resolução, os Estados militarmente significativos de outras regiões são conclamados a não introduzirem armamentos nucleares ou outros armamentos de destruição em massa no Atlântico Sul, reduzindo e, futuramente, eliminando sua presença militar na região. (BRASIL, 2012a).

Esse contexto também permite diversos tipos de cooperação. O Ministério da Defesa, com apoio da ABC, executou o I Seminário de Segurança e Vigilância do Tráfego Marítimo e Busca e Salvamento no âmbito da ZOPACAS e do II Curso Avançado de Defesa Sul-Americano – CAD-Sul. Em 2013, por exemplo, 42 militares sul-americanos e 42 africanos participaram de cursos regulares, bem como a participação de 66 representantes no seminário da ZOPACAS e no CAD-Sul. (BRASIL, 2014b).

Uma região crítica no Oceano Atlântico dentro do EEB é a área do Golfo da Guiné, onde ocorrem eventos frequentes de pirataria e roubo armado contra embarcações e instalações marítimas.

A Marinha do Brasil participa de operações conjuntas internacionais para capacitar militares africanos no patrulhamento do Golfo da Guiné – costa ocidental da África. Em 2015, participou da Operação Obangame Express, conduzida pelos Estados Unidos. Para essa atividade, o País enviou o Navio-Patrolha Oceânico “Amazonas” (NPaOc Amazonas) com uma tripulação de 94 militares a bordo. A Operação ocorreu em conjunto com as Marinhas da Alemanha, Bélgica, Espanha, Itália, Turquia, Estados Unidos, Portugal e com as Guardas Costeiras do Golfo da Guiné. A missão tem como foco o “incremento da segurança marítima nos países do Golfo da Guiné contra ações ilegais de pirataria, de pesca ilegal e de contrabando de drogas e armamento praticados na região”. (BRASIL, 2015).

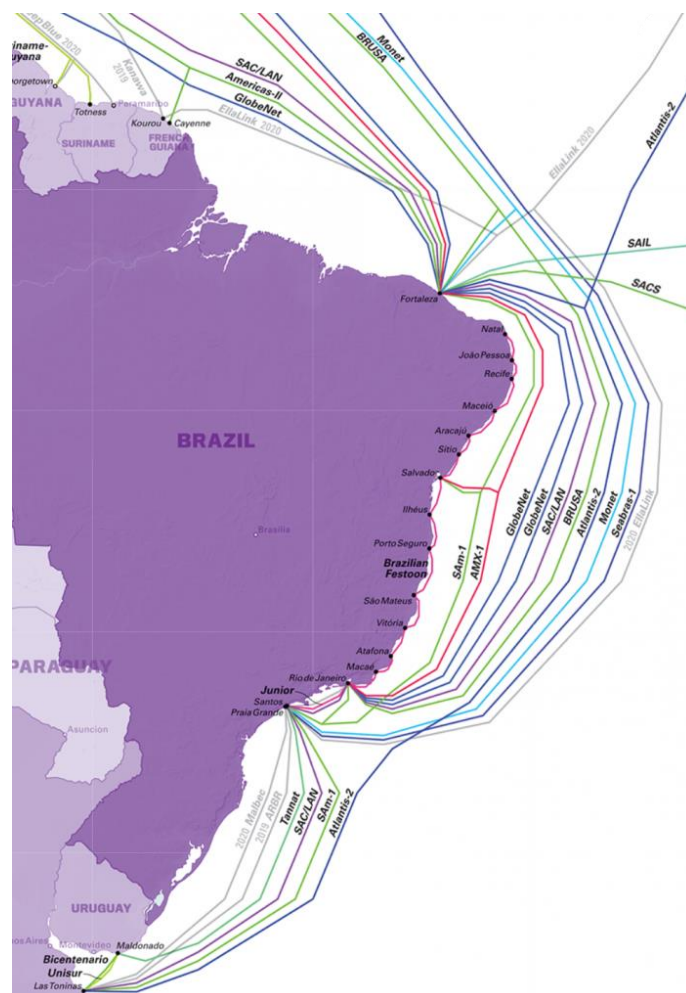
A participação brasileira nessas atividades visa à promoção da “interoperabilidade das forças navais, capacitando marinhas africanas e estreitando laços de amizade com os países participantes” (BRASIL, 2015). Naquela ocasião, a embarcação brasileira realizou visita operativa aos portos de Luanda (Angola), Walvis Bay (Namíbia) e Cidade do Cabo (África do Sul), estreitando os laços com outros parceiros regionais.

A parceria entre o Brasil e a África do Sul também é importante no âmbito da defesa do Atlântico Sul. O exercício IBSAMAR caracteriza essa cooperação, tratando-se de uma operação multinacional entre as marinhas da África do Sul, do Brasil e da Índia. “A operação tem como propósito estreitar os laços de amizade entre as três marinhas, possibilitar a interoperabilidade e adestrar as tripulações em exercícios de considerável nível de complexidade” (BRASIL, 2018). A operação ocorre em uma frequência de dois anos, sendo o último realizado em 2018, e o próximo previsto para setembro de 2020.

A segurança do Atlântico Sul também coincide com os interesses da CPLP. A estabilidade de todos os países da região, muitos membros da Comunidade, é de fundamental interesse. Entender isto é parte das nossas relações geopolíticas brasileiras. Angola, Guiné-Bissau, Guiné Equatorial e Cabo Verde são uma plataforma profícua de ligação entre o Brasil e a África. A

cooperação em segurança e defesa é determinante, tendo o Oceano Atlântico como elemento de ligação e estabilidade. (PRAZERES, 2019).

Figura 2- Mapa dos Cabos submarinos no Brasil



Fonte: TeleGeograph – Submarine Cable Map, 2019

Outro aspecto da importância da segurança do Atlântico Sul são os cabos submarinos que ligam os servidores de internet do Brasil a outros países. Estima-se que, no mundo todo, essas ligações respondam por 99% das comunicações transoceânicas e 97% das conexões de internet entre os servidores do mundo. (MONTEIRO, 2020).

A segurança desse cabeamento, física e de dados, é vital para a segurança nacional. Estes cabos podem ser vulneráveis a ataques terroristas patrocinados por outros países. O resultado pode implicar em danos às principais redes de comunicações de comércio e intergovernamentais,

provocando potenciais turbulências econômicas e desordem civil. (HARRIS, 2018).

Nesse contexto, a cidade de Fortaleza no Ceará, possui o segundo maior *hub* de cabos submarinos no mundo, com 12 cabos conectados. Devido a sua projeção geográfica privilegiada a cidade se tornou um polo de concentração de cabos submarinos que ligam o Brasil com África, Europa e América do Norte. Dentre os cabos operacionais, destacam-se os cabos Monet, que conecta Boca Raton, Flórida, a Fortaleza e Santos; e o SACS, que liga Angola ao Ceará, operados pela Angola Cables. (PIMENTEL, 2019).

Dessa forma, percebe-se que o principal interesse do Brasil no Atlântico Sul é a manutenção da paz e segurança na região. Além disso, o País busca defender os interesses nacionais e as pessoas, os bens e os recursos brasileiros no exterior, devido à importância da área para o comércio externo brasileiro.

3.4 OS INTERESSES BRASILERIOS NA ANTÁRTICA

A Antártica está localizada no extremo sul do planeta e tem o tamanho da Europa. O continente é cada vez mais cobiçado por diversos países. Água potável, minérios como carvão, cobre, urânio e petróleo, fazem parte da riqueza desse gélido continente. (MESQUITA, 2017).

A conferência de Washington, de 1959, discutiu a utilização do continente antártico. O Tratado da Antártida Washington DC 1959, pelos países que reclamavam a posse de partes do continente da Antártica, no qual se comprometem a suspender suas pretensões territoriais e militares por período indefinido, permitiu a liberdade de exploração científica do continente, em regime de cooperação internacional. O Brasil aderiu ao tratado por meio do Decreto nº 75.963, de 11 de julho de 1975. (BRASIL, 2012a).

Segundo Theresinha de Castro, uma das maiores defensoras da defesa dos interesses brasileiros na região, a Antártica está “fadada a se constituir na pedra angular do destino brasileiro, especialmente em seu importante território defrontante que desafia o espaço de nossa esfera de domínio”. A autora defendeu a reivindicação brasileira da região “delimitada pelos meridianos extremos ao seu território: Martim Vaz (leste) e Arroio Chuí (oeste)”. (CASTRO, 1976).

O interesse brasileiro na Antártica ocorre por diversas razões. Primeiramente, pela proximidade geográfica, quando parte significativa da costa brasileira é atingida pelos ventos da região antártica e as correntes marinhas trazem recursos vivos, nutrientes e oxigênio para o litoral do Brasil, fatos que influenciam diretamente a costa sul do Brasil. Parte importante do pescado disponível no litoral brasileiro sofre influência das massas de água provenientes desse continente. (BRASIL, 2012a).

Em segundo lugar, além das riquezas naturais e minerais, o continente é um ponto de encontro dos oceanos Atlântico Sul, do Índico e do Pacífico, ou seja, existem possibilidades de serem criadas rotas comerciais, conhecidas como rotas transpolares, sendo necessário garantir o tráfego de navios. A presença brasileira na Antártida facilita uma possível participação nesse comércio. (MESQUITA, 2017).

A presença brasileira no continente austral se concretizou em 1982, quando foi aprovado o Programa Antártico Brasileiro (PROANTAR). Nesse mesmo ano, o Brasil adquiriu para a Marinha o navio de apoio oceanográfico “Barão de Teffé”, que foi incumbido de realizar um reconhecimento hidrográfico, oceanográfico e meteorológico na Antártica, além de selecionar o local onde seria instalada uma futura estação brasileira. Essa iniciativa resultou no reconhecimento internacional da presença do País naquele continente, o que permitiu, em 1983, a aceitação do Brasil como parte consultiva do Tratado da Antártida. (BRASIL, 2012a).

As atividades científicas do PROANTAR são propostas e desenvolvidas por estudiosos de universidades e instituições de pesquisa de diversas regiões do Brasil. Pesquisadores conduzem estudos nas áreas de ciências da terra, ciências da atmosfera, ciências da vida na área tecnológica, tudo isso de forma interdisciplinar e interinstitucional. “Os projetos comportam pesquisas sobre mudanças ambientais na Antártida e seus impactos globais, monitoramento ambiental e estudos complementares sobre a fauna e a flora locais, entre outras” (BRASIL, 2012a). Esses cientistas utilizam como base de apoio a Estação Antártica Comandante Ferraz, além de navios da Marinha, como o Navio de Apoio Oceanográfico Ary Rongel e Navio Polar Almirante Maximiano. (BRASIL, 2012a).

Importante salientar que, em 1998, passou a vigorar o dispositivo conhecido como Protocolo de Madri, assinado em 1991 na capital espanhola. O documento concedeu à Antártica o status de “Reserva Natural Internacional dedicada à Ciência e à Paz” e só poderá ser modificado em 2048, desde que haja acordo unânime dos membros consultivos do Tratado da Antártica. (BRASIL, 2016).

A base brasileira foi destruída por um incêndio em 2012, ameaçando os projetos do Brasil na Antártica. Entretanto, devido à importância estratégica da presença do País no continente, foi construída uma nova base, inaugurada em 2020. As novas instalações possuem uma área de 4.500 metros quadrados divididos em 17 laboratórios multidisciplinares, biblioteca, academia, auditório, dormitórios para hospedar até 64 pessoas, entre outros ambientes. O local é administrado por um grupo de 16 militares da Marinha do Brasil, responsáveis por apoiar as pesquisas feitas no local. (BARRETO, 2020)

Atualmente, o Programa Antártico Brasileiro tem a participação de 250 pesquisadores e de 13 universidades brasileiras, além de envolver integrantes do Instituto Nacional de Pesquisas Espaciais e da Fundação Oswaldo Cruz. Os novos laboratórios foram projetados para atender as diversas necessidades da comunidade científica brasileira. A estrutura permite realizar pesquisas em áreas como meteorologia, biociências, química, microbiologia, biologia molecular e bioensaios. (BARRETO, 2020).

Sendo assim, infere-se que os principais interesses do Brasil na Antártica são os de contribuir para a estabilidade regional e de intensificar a projeção do Brasil no concerto das nações, além de sua maior inserção em processos decisórios internacionais, como a participação como parte consultiva do Tratado da Antártida, com direito a voto no Protocolo de Madri em 2048.

4 AS AÇÕES RUSSAS NO ENTORNO ESTRATÉGICO BRASILEIRO

4.1 AS AÇÕES RUSSAS NA AMÉRICA DO SUL E CARIBE

Um dos principais objetivos de Vladimir Putin ao chegar ao poder na Rússia era o de devolver ao país seu prestígio de potência global que havia se perdido junto com a desintegração da União Soviética. Para isso, o presidente russo precisou regressar para áreas estratégicas da antiga URSS para resgatar seus vínculos e influência. Uma dessas regiões foi a da América do Sul e Caribe.

A valorização dessa região para a política externa de Putin se intensificou a partir de 2003 e 2004, quando o líder russo visitou o México, Chile e Brasil. Inicialmente, seu principal interesse era a venda de armas, mas logo foi crescendo também o interesse pelo setor energético. (PICHEL, 2020).

Entre em 2000 em 2017, os países mais visitados foram Cuba, Venezuela, Brasil e Nicarágua. Isso permitiu o incremento das relações extrarregionais e o fortalecimento da posição russa na América do Sul e Caribe, permitindo criar um cenário ideal para o desenvolvimento de diversos projetos. (TIRADO e colab., 2018)

Nesse contexto, a Bolívia e a Venezuela foram os países sul-americanos mais influenciados pela influência russa.

A Venezuela é a maior compradora de armas russas desde 2006 na região, contando com uma estreita cooperação técnico-militar em termos de transferência tecnológica e capacitação. Dessa forma, o país é considerado por alguns especialistas como “a porta da América Latina” para o gigante euroasiático. (TIRADO e colab., 2018).

A partir da subida ao poder de Hugo Chaves como presidente da Venezuela, a influência militar russa no país aumentou. As forças armadas venezuelanas contam com diversos armamentos russos, como carros de combate T-72, fuzis Kalashnikov, helicópteros Mi-35, mísseis MANPAD IGLA e caças Sukhoi Su-30MK2. (DEFESANET, 2011).

As exportações de equipamento militar russo para a América Latina passaram de 1,24 bilhões de dólares em 2005 para 6,34 bilhões em 2012, com seu pico em 2007, quando a região correspondeu a 14% das exportações de

armamento da Rússia. Cabe lembrar que a tecnologia militar tradicionalmente importada da região era de origem estadunidense, israelense e europeia, demonstrando que a reinserção russa na área era mais do que puramente comercial. (TIRADO e colab., 2018).

Em entrevista ao *site* Sputnik, o ex-presidente boliviano, Evo Morales, destacou a importância da presença da Rússia na América Latina para combater o que ele chamou de “interferência dos EUA” através das Forças Armadas. “O mais importante é a presença da Rússia na América Latina”, afirmou Morales. O ex-presidente também demonstrou na mesma ocasião o interesse de expandir a cooperação militar, tanto em equipamentos quanto a doutrina. (SPUTNIK BRASIL, 2019)

A Bolívia demonstrou a intenção de adquirir equipamento militar russo, especialmente helicópteros para apoiar o trabalho da Defesa Civil. No campo da doutrina, Evo Morales destacou que a Bolívia espera coordenar sua “doutrina militar anti-imperialista” com a da Rússia. “Eu criei uma escola militar anti-imperialista, eu gostaria que esta doutrina – que é nacionalista, anti-imperialista nas Forças Armadas – fosse compartilhada com a doutrina das Forças Armadas da Rússia”, ressaltou o ex-líder sul-americano durante entrevista. (SPUTNIK BRASIL, 2019).

No campo energético, a Rosneft e Gazprom, gigantes russas do setor, também conseguiram se inserir no mercado latino-americano. Entretanto, outra energética russa mais discreta nas suas atividades, a Rosatom, instituição oficial encarregada da energia atômica país, que realizou um acordo em 2016 com a Agência Boliviana de Energia Nuclear (ABEN), onde acordaram a criação do Centro de Investigação e Desenvolvimento em Tecnologia Nuclear, o qual se encontra em processo de construção em El Alto. (TIRADO e colab., 2018).

Em recente entrevista à BBC, Mira Milosevich, investigadora do Real Instituto Elcano de Estudos Internacionais, com sede em Madri, salientou que a venda de armas e os negócios no setor energético são as bases principais para o regresso da Rússia para a América do Sul e Caribe: “Esse é um paradigma da Rússia: primeiro começa a vender armas, logo introduz outros produtos econômicos, e depois começa a tentar exercer influência política através dos

meios de comunicação e obviamente através de contatos a nível diplomático".(PICHEL, 2020, tradução nossa).

No Caribe, a influência russa é ainda mais forte. Em fevereiro de 2015, o Ministro da Defesa da Rússia, Sergei Shoigu, anunciou um acordo que agiliza a atracação de navios de guerra russos na Nicarágua. O tratado resultou na doação de 50 tanques russos modelo T-72B1 ao governo sandinista, causando reclamações e protestos de vizinhos da região. De acordo com o Centro de Pesquisa e Análise Estratégica da Nicarágua, a cada ano, entre 450 e 500 militares russos entram e saem do país centro-americano. (VENTAS, 2017).

Em 2012, o diretor do Serviço Federal para o Controle de Drogas Russo, Víktor Ivanóv, visitou a América Latina em busca de parcerias para cooperação antidrogas. Segundo ele, "América Latina e a Rússia devem assumir a liderança contra os centros mundiais de produção de drogas e desenvolver uma cooperação política e um sistema de troca de informações na área". Na visita, foi proposto aos governos do México, Nicarágua, El Salvador, Cuba e Panamá a criação centros de treinamento de policiais da América Central com base em programas especiais russos. (RUSAKOVA, 2012).

Na Nicarágua, a Rússia construiu, na capital Manágua, um centro regional de treinamento para o combate ao tráfico de drogas, que treina agentes para operar em toda a América Central. Além disso, o então presidente Daniel Ortega autorizou a entrada de tropas, navios e aeronaves militares da Rússia na Nicarágua para a realização de operações conjuntas de combate ao tráfico de drogas no Caribe. (DEFESANET, 2014). O novo escritório nicaraguense tem o estatuto de filial do Centro de Treinamento Contra o Tráfico de Drogas do Ministério do Interior da Federação da Rússia, com sede na Sibéria. (SPUTNIK BRASIL, 2017).

Segundo Damián Jacobovich, especialista em geopolítica envolvendo questões relacionadas ao tráfico de drogas, relatou que "a presença da Rússia permite romper a monodependência dos países que tentam lutar militarmente contra o tráfico de drogas, para que eles não dependam exclusivamente da ajuda dos EUA", tratando-se de uma alternativa ao modelo promovido pelos EUA na região ao longo de décadas, cujos emblemas são o Plano Colômbia, a

Iniciativa Mérida e a Aliança para a Prosperidade do Triângulo Norte. (SPUTNIK BRASIL, 2017).

Entretanto, o tráfico de cocaína não é a maior preocupação da Rússia em seu território, uma vez que a maior parte dessa droga vai para a Europa e para os EUA. A droga que mais preocupa os russos é a heroína, vindo do Afeganistão através dos países da Ásia Central. (RUSAKOVA, 2012). Sendo assim, qual o interesse da Rússia em se envolver no combate ao tráfico de cocaína na América Latina?

Segundo Anna Protesenko, cientista do Instituto de América Latina da Academia de Ciências da Rússia, “a interação entre os países da América Central e Moscou pode tornar os EUA mais maleáveis nas negociações sobre o tráfico de drogas afegãs. Isso é bom para a Rússia”. Isso porque, como relação a heroína, a Rússia defende a destruição total das plantações de papoula e dos laboratórios de produção de drogas, enquanto os EUA, para não agravar as relações com a população local e garantir sua presença duradoura na região, defendem apenas o reforço das fronteiras dos países vizinhos para evitar a circulação de drogas. (RUSAKOVA, 2012).

Assim, intensificação da cooperação da Rússia com os países latino-americanos no combate às drogas pode ser vista como um desejo do país de ampliar, em contrapartida, sua presença na região encarada há muito tempo pelos EUA como seu “quintal”. (RUSAKOVA, 2012).

Outro interesse russo na América do Sul e Caribe é a instalação de bases de controle dos satélites do sistema GLONASS, o equivalente russo ao GPS. Já existe uma base de controle na Nicarágua, e quatro no Brasil. Há a previsão de instalação de outras bases na América Latina, como na Argentina, Cuba, Equador e México. (VENTAS, 2017)

Em 2017, durante um pronunciamento no Comitê de Serviços Armados do Senado dos Estados Unidos, o Almirante Kurt Tidd, Comandante do Comando Sul, denunciou que “a Rússia mantém uma atitude inquietante na Nicarágua (...) e poderia afetar a estabilidade da região”. Segundo ela, a intensão de Moscou seria de, a partir da Nicarágua, estender sua influência a outras nações centro-americanas. El Salvador e Guatemala, por exemplo, são outros países onde essa relação já estaria sendo cultivada (VENTAS, 2017).

A Estratégia de Segurança Nacional estadunidense de 2017 acusa a Federação Russa de expandir os vínculos militares e a venda de armas na América Latina, além de destacar sua “política fracassada de Guerra Fria” por apoiar os governos de Cuba e Venezuela. (ESTADOS UNIDOS DA AMÉRICA, 2017).

Sendo assim, diante do quadro que se instalou na crise aberta entre o governo dos EUA e a Venezuela, quando o Presidente Donald Trump apoiou presidente interino Juan Guaidó, os norte-americanos denunciaram o respaldo da Rússia à Venezuela e alertaram sobre a desestabilização hemisférica provocada pela presença de cooperantes russos em território venezuelano. (TIRADO e colab., 2018).

Atualmente, a Rússia é principal apoio externo do regime de Nicolás Maduro na Venezuela.

Nos últimos anos, Moscou sustentou o líder chavista com bilhões de dólares em acordos comerciais e linhas de crédito. E isso fez dele seu segundo maior parceiro empresarial e credor, atrás apenas da China. Caracas deve cerca de 6,5 bilhões de dólares (28 bilhões de reais) à russa Rosneft, quantia que está pagando pouco a pouco com petróleo. (SAHUQUILLO e LAFUENTE, 2020).

A Venezuela se tornou um dos mercados mais importantes para a indústria bélica russa. Em 2020, o país recebeu pilotos de treinamento e “assessores militares” de Moscou. Segundo declaração de Sergey Lavrov, Ministro das Relações Exteriores da Rússia, durante visita ao país, esses acordos seriam ampliados. “É importante desenvolver nossa cooperação militar técnica para aumentar a capacidade de defesa de nossos amigos contra ameaças externas”, afirmou o ministro russo. (SAHUQUILLO e LAFUENTE, 2020).

Durante o XXII CICLO DE ESTUDOS ESTRATÉGICOS, realizado na Escola de Comando e Estado-Maior do Exército (ECEME) em julho de 2020, o Professor Raphael Padula, do Programa de Pós-graduação em Economia Política Internacional da Universidade Federal do Rio de Janeiro, salientou que as ações da Rússia na Venezuela visam a criação de um “custo para os Estados Unidos, já que os EUA criam custos para a Rússia no seu entorno estratégico, como na Ucrânia, Geórgia e Azerbaijão”. Salientou, ainda, que a Rússia se

projeta na Venezuela e Caribe, para ganhar um poder de barganha com os EUA. (BRASIL, 2020).

Essa afirmativa também é defendida por Victor Jeifets, diretor do Centro de Estudos Ibero-Americanos da Universidade de São Petersburgo, “A Rússia está usando a América Latina como forma de neutralizar a presença norte-americana no quintal da Rússia. Não se trata de se preparar para uma guerra mundial ou uma corrida armamentista, mas sim para ganhar armas e contratos de exportação. E está avançando”. O mesmo especialista ressalta que a visita de Lavrov à América Latina seguiu-se à visita de Mike Pompeo, secretário de Estado dos EUA, à Ucrânia, Belarus, Cazaquistão e Uzbequistão, numa região que Moscou encara como sua área de influência próxima. (SAHUQUILLO e LAFUENTE, 2020).

Em 2018, no auge da crise na Venezuela, quando se levantava a possibilidade de uma intervenção militar norte-americana no país, quatro aeronaves militares russas - incluindo dois bombardeiros Tupolev 160 (Tu-160), com capacidade para transportar armas nucleares – foram enviadas para Caracas. Uma clara demonstração de apoio de Putin ao governo do presidente Nicolás Maduro. (BBC, 2018b).

Na chegada das aeronaves, o ministro da Defesa venezuelano, Vladimir Padrino, declarou que "estamos nos preparando para defender a Venezuela até o último momento caso seja necessário. (...) Vamos fazer isso com nossos amigos porque temos amigos no mundo que defendem relações respeitadas e de equilíbrio". Especialistas acreditam que a presença militar russa pode ter o objetivo de "desencorajar" terceiros a realizar "algum tipo de intervenção militar" no país. (BBC, 2018b).

Outro participante do XXII CICLO DE ESTUDOS ESTRATÉGICOS, o Professor Augusto Wagner Menezes Teixeira Júnior, do Programa de Pós-Graduação em Ciência Política e Relações Internacionais da Universidade Federal da Paraíba, destacou que a Rússia, com o envio dos bombardeiros estratégicos Tupolev 160 à Venezuela, demonstra “não apenas a reativação da capacidade intercontinental da aviação estratégica russa, mas sinaliza a capacidade de desdobrar meios dentro de uma área de influência essencial dos Estados Unidos, sinalizando força”. (BRASIL, 2020).

Além do apoio e defesa de Maduro em relação a sanções ou condenações no Conselho de Segurança da ONU, o Kremlin vem emitido avisos sobre as graves consequências de uma eventual intervenção estrangeira armada na Venezuela. A posição da Rússia em relação à Venezuela se assemelha a um modelo político conhecido como o "modelo sírio". (LIMA, 2019).

Segundo James Dobbens, analista de diplomacia e segurança da Rand Corporation, empresa que presta assessoramento para as Forças Armadas dos Estados Unidos, o "modelo sírio" é basicamente a política que Putin seguiu na Síria para manter Bashar al-Assad no poder. Traduz-se basicamente em uma "ameaça de uma invasão militar e uma estratégia diplomática de pressão e confronto servem para manter um governo aliado". (LIMA, 2019).

Além disso, a presença de militares russos no país aumenta o nível de tensão na área. Em julho de 2019, durante audiência no comitê de Serviços Armados do Senado dos EUA, o chefe do Comando Sul das Forças Armadas dos Estados Unidos, o almirante Craig Faller, confirmou a presença de tropas russas na Venezuela: "Há tropas russas e há empresas militares privadas da Rússia na Venezuela, prestando apoio ao regime de Maduro". (AGÊNCIA EFE, 2019).

Segundo a agência de notícias Reuters, cerca de 400 mercenários do Wagner Group estão atuando na Venezuela. Segundo a reportagem, a principal missão dos paramilitares é a de proteger o presidente Nicolás Maduro de qualquer tentativa de golpe, vindo da oposição ou de suas próprias forças de segurança. (TSVETKOVA e ZVEREV, 2019).

A chegada de tropas russas na Síria, por exemplo, fez com que os EUA adotassem um novo procedimento: notificar os comandantes militares de Moscou sobre suas operações de ataque. Isso porque uma eventual agressão contra um militar russo poderia fazer com que o conflito tomasse uma dimensão muito maior. Segundo Matthew Rojansky, diretor do Instituto Kennan do Wilson Center, a eficácia da estratégia de confronto na Síria deixou claro para o alto comando russo que o mesmo modelo também poderia ser eficaz em outros lugares. Bem como a estratégia diplomática em fóruns internacionais e as ameaças de uma escalada no conflito armado. (LIMA, 2019).

Segundo Vladimir Rouvinski, professor de política e relações internacionais da Universidade ICESI de Cali, na Colômbia:

“A presença desses militares russos - e foi dito que alguns são integrantes do alto comando - é uma ameaça em si mesma.(...) Os Estados Unidos sabem que se atacarem a Venezuela e algo acontecer a esses militares, isso significaria que a Rússia entraria automaticamente em guerra.”. (LIMA, 2019).

Sendo assim, as ameaças da Rússia de que haverá "consequências devastadoras para a região e para a segurança mundial" se ocorrer uma intervenção dos Estados Unidos na Venezuela, são agravadas pela presença de militares russos no país. (LIMA, 2019).

Outra forma de atuação russa na região é por meio de denúncias de ações estrangeiras na área. Segundo o Almirante Faller, a Rússia executa na América Latina, "da mesma forma que no resto do mundo", uma campanha de desinformação cujo objetivo é "desorientar" os cidadãos. O Almirante salientou também sobre uma crescente ingerência russa na América Latina, denunciando que Moscou pretende "semear a discórdia e a falta de confiança" entre os países da região, para promover regimes "autocráticos" como os de Cuba, Venezuela e Nicarágua. (AGÊNCIA EFE, 2019).

Um exemplo disso ocorreu em agosto de 2019, quando a porta-voz do Ministério das Relações Exteriores da Rússia, Maria Zakharova, disse que a Grã-Bretanha e a Guiana planejavam atuar na Venezuela. Segundo ela o Reino Unido estaria terminando a construção de uma base militar em uma das ilhas da foz o Rio Esequibo, área contestada entre Venezuela e Guiana. (OTÁLVORA, 2020).

Quando diversos países, liderados pelos EUA, se organizaram para enviar uma ajuda humanitária à Venezuela, Zakharova declarou que a operação de entrega de ajuda humanitária era na verdade "um pretexto para a ação militar". E que seu governo tinha "evidências de que as empresas dos EUA e seus aliados da OTAN estão trabalhando para adquirir um grande lote de armas e munições em um país da Europa Oriental para depois serem transferidas para Forças de oposição venezuelanas" (OTÁLVORA, 2020).

Na mesma época, o Ministério das Relações Exteriores cubano também denunciava “voos de aviões de transporte militar para o Aeroporto Rafael Miranda de Porto Rico, a Base Aérea de San Isidro, na República Dominicana, e

em outras ilhas caribenhas estrategicamente localizadas”. Essas declarações mostraram-se infundadas tempos depois. (OTÁLVORA, 2020).

Outro avanço agressivo de Moscou na região é o seu interesse em instalar uma base militar no litoral da Venezuela. Em 2019, Vladimir Padrino, ministro venezuelano da Defesa, e seu equivalente russo, o general Serguei Shoigu, assinaram um acordo bilateral permitindo o amplo envio de navios de combate das frotas de ambos os países, um para o outro, apenas “por meio de notificação prévia”. O plano seria de instalar, primeiramente uma base naval, e posteriormente uma aérea. (ESTADÃO, 2019).

A base seria localizada na ilha de Orchila, que fica a apenas 1.500 km da Flórida, bem no meio de uma das rotas da eventual intervenção armada norte-americana. Segundo Padrino, “um complexo forte vai tirar do agressor a vontade de agredir, servirá de dissuasão contra um invasor”. Na ilha já existem certas estruturas úteis, como campo de pouso e serviços navais, tanto é que em 2008 e 2013 o imenso cruzador nuclear russo “Pedro, o Grande”, esteve no local, escoltado por duas fragatas. Essa base se encaixaria no plano russo de ativação do Comando da Aviação de Longo Alcance, que prevê áreas ao redor do mundo para abrigar hangares, armazéns, estação de comunicações, núcleo residencial, acessos terrestres e novos canais marítimos. (ESTADÃO, 2019).

Assim, verifica-se que as ações russas na América do Sul e Caribe vão além do comércio de armamento, de interesses em recursos energéticos ou do combate às drogas. Elas configuram um quadro global de acirramento das tensões entre Rússia e EUA, onde cada um está buscando aumentar sua influência no entorno estratégico próximo do outro.

4.2 AS AÇÕES RUSSAS NOS PAÍSES LINDEIROS DA ÁFRICA

Na época da Guerra Fria, a África, assim como o restante do mundo, também foi dividida entre o Bloco Comunista e o Capitalista. Naquela ocasião, diante do quadro de independência das antigas colônias europeias, Moscou conquistou seu espaço com o apoio às lutas pela descolonização. Entretanto, em 1991, com a queda da União Soviética, a relação da Rússia com o continente africano teve um grande retrocesso.

A União Soviética teve uma grande influência e fortes vínculos em vários países africanos, vínculos esses que foram, em parte, herdados pela Rússia atual. Líderes e políticos africanos se educaram em instituições soviéticas durante a Guerra Fria. É o caso de João Lourenço, presidente de Angola desde 2017, que estudou na elitista Academia Político-Militar Lênin. (SAHUQUILLO, 2019a).

O início da Era Putin trouxe o país de volta ao continente, apesar de ter sido um dos últimos atores a desembarcarem na África contemporânea. Com uma estratégia que combina cooperação militar, investimentos e diplomacia energética e econômica, o país eurasiático vem ganhando terreno nesse continente, encontrando espaço para três de seus setores mais estratégicos: a indústria militar, a energética e a mineral. (SAHUQUILLO, 2019a).

Em entrevista ao jornal Deutsche Welle, Paul Stronski, um dos autores do relatório “O Retorno da Rússia Global”, um extenso dossiê do Instituto Carnegie, destacou que “estamos vendo um retorno russo que está buscando um nicho onde puder ser competitivo. E é, fundamentalmente, nas armas”. Segundo o especialista, a Rússia é o segundo maior exportador mundial de material bélico, e uma boa parte se destina a países africanos. Nos últimos anos, estabeleceu também, um serviço de manutenção de equipamentos militares e programas de modernização de armamentos, e nesse terreno é praticamente o único país em condições de competir a China. (PELZ, 2018).

Segundo o Instituto de Estocolmo para a Paz, entre 2013 e 2017, a Rússia forneceu 39% das armas importadas pela África, enquanto a China respondeu por 17%, e os EUA por 11%. A mesma instituição estima que, em 2017, a Rússia vendeu o dobro de armas que em 2012, demonstrando uma ampliação desse comércio. (PELZ, 2018).

Segundo o jornalista Mikhail Smotryaev, da BBC Rússia, pesquisador do tema, 35% das armas africanas são russas. “As armas russas são competitivas, porque são mais baratas, têm demonstrado ser suficientemente confiáveis em numerosos conflitos bélicos e são compatíveis com o armamento usado ainda durante a Guerra Fria”. Devido a isso, nos últimos anos, a Rússia estabeleceu um serviço de manutenção de equipamentos militares e programas de modernização de armamento. (BBC, 2018a).

Com hábeis movimentos para influenciar em mais zonas do tabuleiro geoestratégico global, a Rússia está construindo infraestruturas e fazendo investimentos em países como Angola, importante parceiro brasileiro na região.

Um bom exemplo disso é o satélite AngoSat-2, projeto conjunto entre Rússia e Angola que substituirá seu antecessor por conta de avarias, e que está previsto para ser posto em órbita em 2022. O satélite custou cerca de 360 milhões de dólares. (RFI, 2018).

A Rússia, também, possui acordos na área de aviação com Angola, Congo e Senegal, entre outros. Em 2016, Angola possuía 15 helicópteros modelo Mi-24/Mi-35. Os equipamentos foram modernizados naquele ano pela Russian Helicopters, estatal russa de aviação de asa fixa (VALDUGA, 2016). Em 2020, a Rússia assinou um contrato de fornecimento de 12 aeronaves Mi-24/Mi-35 com a Nigéria. Em janeiro de 2020, cinco helicópteros já haviam sido entregues. (SPUTNIK BRASIL, 2020).

Segundo a empresa Russian Helicopters, mais de 900 helicópteros produzidos por ela foram registrados em países africanos, o que representa um quarto dos helicópteros do continente. (AFP, 2019b).

A cooperação entre Rússia e Angola chegou a tal ponto que, em 2018, durante a abertura da 5ª reunião do comitê intergovernamental de cooperação técnico-militar Angola-Rússia, Boytsov Andrey, vice-diretor do Serviço Federal para a Cooperação Técnico-Militar da Rússia, propôs a criação, em Angola, de um centro de manutenção de técnicas de helicóptero e aviões, que podia responder como centro regional em África. (DALA, 2018).

Outra ação importante da Rússia foi a realização da Primeira Cúpula Rússia-África, ocorrida em outubro de 2019 em Sochi. A reunião contou com a presença de 43 governantes e mais de 3.000 participantes. Destacaram-se na reunião os estandes de empresas de armamento, como a Rossoboronexport, a agência russa responsável pelas exportações de armas. (AFP, 2019a).

Ao abrir oficialmente a reunião, Putin prometeu que a Rússia vai continuar ajudando os países africanos com o cancelamento de suas dívidas, cujo valor total supera 20 bilhões de dólares. A supressão das dívidas é um ponto essencial da política russa na África, que geralmente impõe estas condições nos contratos de armas com os países afetados. (AFP, 2019a).

O presidente angolano, João Lourenço, foi o primeiro a confirmar a presença na cimeira Rússia/África. O líder africano convidou os empresários russos a investir em Angola, e foi recebido por Vladimir Putin para avaliar “o estado das relações bilaterais”. Moscou tem demonstrado interesse em construir uma fábrica de equipamento militar em território angolano. (RIBEIRO, 2019).

Em um momento de divergências com os países ocidentais, a reunião de Sochi foi uma oportunidade para a Rússia demonstrar seu poder de influência global, como aconteceu ao retornar ao Oriente Médio, devido ao seu papel na guerra na Síria. (AFP, 2019a).

Em 2018, o comércio entre Rússia e África alcançou 20 bilhões de dólares, a maior parte do comércio é de armas. Visando expandir sua influência no continente, Putin oferece uma cooperação "sem interferência política, nem de outro tipo". Isso dá aos países africanos uma alternativa, justamente quando alguns países, preocupados com sua dependência financeira, começam a questionar a ajuda da China. (AFP, 2019a).

Em entrevista a Agence France-Presse, Alexandre Mikheev, presidente da Rosoboronexport, empresa pública russa encarregada da venda de armas, afirmou que "A África representa 40% do volume de pedidos atuais (...) para diferentes tipos de armas e equipamentos militares". Segundo ele, a Rosoboronexport tem cerca de US\$ 12 bilhões em contratos assinados e pagos. Vinte países (africanos) estão trabalhando com a Rússia hoje. (AFP, 2019b).

Durante a cúpula, a Rússia levou dois bombardeiros nucleares à África do Sul para uma missão de treinamento. Os dois bombardeiros estratégicos Tupolev Tu-160 pousaram na base da Força Aérea de Waterkloof, em Tshwane. O pouso das aeronaves coincidiu com a abertura do evento feita por Putin, quando declarou que “muitas empresas russas vem trabalhando há tempos e com sucesso com parceiros dos mais diferentes setores da economia africana e planejam expandir sua influência na África. Nós, é claro, proporcionaremos apoio no nível estatal”. O preço é um peso político maior em um continente com 54 membros da Organização das Nações Unidas (ONU), vasta riqueza mineral e mercados potencialmente lucrativos para armas de fabricação russa. (DEFESANET, 2019b)

Segundo Paul Stronski, do centro de pesquisa norte-americano Carnegie Endowment for International Peace, a Rússia é o fornecedor mais importante de alguns países. Segundo ele:

"para alguns países na África, é muito difícil obter armas ocidentais. Mas a Rússia não tem os mesmos critérios de alguns países ocidentais - não relaciona a venda de armas com a situação dos direitos humanos ou com os vários conflitos regionais nos quais os Estados estão envolvidos. E vê nisso uma oportunidade de alargar o mercado. (PELZ, 2018).

Uma prova do interesse russo em aumentar sua influência na região foi a visita ao continente do chefe da diplomacia russa, Sergei Lavrov, em 2018. Na ocasião, o Chanceler visitou vários países, entre eles: Angola e Namíbia. Anunciou, também, uma visita a Cabo Verde. (PELZ, 2018).

O Presidente de Cabo Verde, Jorge Carlos Fonseca, também compareceu ao evento em Sochi. O arquipélago quer estreitar as relações com a Rússia nas áreas de energia, turismo e agricultura. Os dois países que já assinaram um acordo para a cessação das formalidades de visto para viagens recíprocas, e cooperam nas áreas de armamento e material bélico. (RIBEIRO, 2019).

Segundo Irina Filatova, professora de história africana na Escola Superior de Economia de Moscou, há uma relação importante entre a África e a Rússia. João Lourenço, presidente de Angola, treinou em uma academia militar soviética em Moscou na década de 1970. A bandeira de Moçambique carrega um rifle Kalashnikov, a arma mais famosa da URSS. "Esses e outros laços da era da Guerra Fria ajudam algumas empresas russas a aproveitar as oportunidades africanas. (FOY e MUNSHI, 2019).

O GLONASS, sistema russo de navegação global, também se expande na África. Em 2017, foi inaugurada a primeira estação terrestre do sistema de russo no continente, no Observatório de Radioastronomia de Hartebeesthoek (HartRAO), na África do Sul (RÔZIN, 2017). Em 2019, a agência espacial russa (Roscosmos) anunciou que pretende construir novas estações em Angola. (GOLUB, 2019).

A cooperação militar russa vai mais além. Na África Ocidental, que é assediada por insurgências jihadistas, Moscou fez incursões através de seu aparato de segurança e seus atores da indústria de mineração. Em 2019, o embaixador da Nigéria em Moscou disse à agência de notícias estatal russa RIA que o presidente Muhammadu Buhari esperava assinar um acordo de

treinamento militar e cooperação com armas na Cúpula de Sochi para ajudar na luta contra a insurgência do Boko Haram que já dura mais de uma década no nordeste do país. (FOY e MUNSHI, 2019).

Dessa forma, verifica-se que a estratégia russa para o continente africano é baseada no tripé: mineração, cooperação militar e comércio de armas, além de explorar os laços herdados da URSS. O país se relaciona intimamente com membros do CPLP e do ZOPACAS, como Angola. O país também promete uma relação com os países da região sem interferência política, diferindo-se da postura oficial dos países ocidentais, o que é muito atrativo para alguns países da região.

4.3 AS AÇÕES RUSSAS NO ATLÂNTICO SUL

Devido aos interesses russos na América Latina e África, o Atlântico Sul, oceano que separa os continentes, se torna naturalmente fonte de interesse para o gigante euroasiático.

Tanto é que, em novembro de 2019, foi realizado o MOSI, exercício militar de 5 dias que conta com a participação da China, Rússia e África do Sul. O objetivo do exercício foi de garantir a interoperabilidade entre as marinhas, a fim de garantir a segurança do tráfego marítimo. A atividade foi realizada no Cabo da Boa Esperança, um dos pontos mais estratégicos do Atlântico Sul, ligando-o ao Oceano Índico. (MATTOS, 2019).

Segundo o Contra-Almirante sul-africano Bubele Mahana, que participou do exercício, “o oceano é muito grande para uma só nação dominá-lo”, disse se referindo ao domínio dos mares pelos norte-americanos. (MATTOS, 2019).

A realização do exercício também manifesta, além de um alto nível de cooperação e articulação entre os participantes, a projeção de poder da Rússia no Atlântico Sul, demonstrando a capacidade de organização fora de seu entorno primário. A Rússia participou do exercício com um cruzador lançador de mísseis, o Marsal Usinov, e outras embarcações de apoio. (MATTOS, 2019).

Outra ação russa no Atlântico Sul foi por meio da presença do navio Yantar na região. As marinhas dos EUA e do Reino Unido consideram a embarcação um “navio espião”. Em junho de 2017, o navio foi escoltado de forma preventiva pela Força Aérea do Reino Unido ao passar pelo Canal da

Mancha. Em novembro de 2019, causou suspeita por desligar o radar no mar do Caribe e na costa dos EUA. (MONTEIRO, 2020).

Entre dezembro de 2017 e abril de 2018, o Yantar atuou nas buscas do submarino ARA San Juan, que desapareceu na costa argentina. (MONTEIRO, 2020). Entretanto, a Marinha dos Estados Unidos acusa a embarcação de, em paralelo ao emprego em operações humanitárias, coletar secretamente as informações que circulam nos cabos submarinos que conectam redes de comunicações no fundo dos oceanos do mundo todo. (GODOY, 2020).

A embarcação possui cerca de 5,7 mil toneladas, 108 metros e equipagem de 60 a 83 tripulantes. Segundo autoridades norte-americanas, também carrega uma espécie de sonda de tecnologia avançada captura os sinais apenas pela proximidade, e envia o material para os computadores de bordo. De fato, no interior do navio há consoles de computadores e laboratórios, com grandes antenas sob domos de proteção da parte externa. (GODOY, 2020). A marinha dos EUA acredita que as pinças dos minissubmarinos do Yantar são capazes de cortar ou danificar cabos submarinos, além de poderem instalar equipamentos especiais capazes de interceptar os dados transmitidos pelos cabos. (RIOS, 2020).

O trabalho sigiloso do navio já foi até reconhecido pelo Parlamento russo, por meio do semanário oficial Parlamentskaya Gazeta que, ao apresentar o Yantar, destacou “os acessórios para rastreamento em alto-mar e dispositivos ultrassecretos para se conectar a cabos de comunicação”. (GODOY, 2020)

Ao que tudo indica, o navio também já atuou em águas brasileiras. No dia 10 de fevereiro de 2020, o Centro Integrado de Segurança Marítima do Rio de Janeiro detectou o Yantar navegando dentro da Zona Econômica Exclusiva do Brasil. Entretanto, após ter sido feito o contato, a embarcação “desapareceu”, provavelmente desligando o Sistema de Identificação Automática (AIS), equipamento que indica a identidade e localização dos navios. O navio foi localizado quase uma semana depois, a cerca de 80 km da costa fluminense, após uma missão de patrulha da Marinha do Brasil e da Força Aérea Brasileira. (RIOS, 2020).

Segundo militares da Marinha do Brasil o desligamento do sistema de identificação pode envolver tentativas de espionagem ou, no mínimo,

procedimentos fora da normalidade pelo navio. Embora a navegação do Yantar pela costa brasileira não seja ilegal, seu “desaparecimento” por seis dias foi considerado estranho. O que mais intrigou os militares foi o reaparecimento da embarcação, que vinha do Uruguai, perto dos cabos submarinos de comunicação que ligam o Brasil a outros países. (MONTEIRO, 2020). Ao que tudo indica, o navio russo fez nas águas brasileiras aquilo que vem fazendo em outras regiões do mundo, ou seja, monitorou, ou pelo menos, identificou a localização exata dos nossos cabos submarinos. (RIOS, 2020).

Dessa forma, ainda não são observadas ações marcantes russas no Atlântico Sul. Entretanto, percebe-se que seus empreendimentos na área são uma extensão de sua projeção de poder na África, por meio de parcerias navais com a África do Sul, e dos seus interesses em conflitos cibernéticos, pela suspeita de mapear os cabos de transmissão de dados na região.

4.4 AS AÇÕES RUSSAS NA ANTÁRTICA

Os interesses russos na região antártica remontam ao explorador russo Fabian Bellingshausen, que em 1820 comandou a primeira expedição que avistou o Continente Antártico. (SILVA e colab., 2019).

Em 1959, a União Soviética foi um dos signatários do Tratado da Antártida. Atualmente, a Rússia possui o status de país Signatário, consulente, reservado o direito para a reivindicação territorial. (SECRETARÍA DEL TRATADO ANTÁRTICO, 2019).

A Rússia é um dos países que possui mais interesse em pesquisas para prospectar minerais na região, a despeito do Sistema do Tratado da Antártica, que enfatiza a importância da proteção ambiental da região. (NASSER e MORAES, 2014).

Em 2010, o país lançou a Estratégia para o Desenvolvimento das Atividades da Federação Russa na Antártida até 2020, documento que baliza as atividades russas no continente antártico, estabelecendo as prioridades para o futuro, nele são estabelecidas três áreas principais. (TULÚPOV, 2014).

A primeira delas é a pesquisa científica. Para isso, será exigido a modernização da infraestrutura das estações de pesquisa russas, da frota de pesquisa científica e a garantia do funcionamento do sistema Glonass (A Rússia

possui três bases de controle na Antártica). A segunda é o estudo abrangente de recursos biológicos marítimos, minérios e hidrocarbonetos na região. Por último, o país estabelece o reforço da influência política da Rússia nos processos do desenvolvimento futuro do regime jurídico internacional da Antártida. (TULÚPOV, 2014).

A estratégia ressalta ainda a Rússia pretende ser parte ativa numa possível negociação sobre a exploração dos recursos antárticos. Para isso, o país conta com 12 bases no continente, cinco sazonais e sete permanentes, uma delas construída sobre o então polo magnético do planeta, que se move alguns quilômetros por ano. É o país com mais estruturas na Antártica. (SILVA e colab., 2019).

Assim, verifica-se o interesse russo em ter uma presença ativa na Antártica, promovendo diversos estudos sobre as riquezas naturais e minerais do continente. Esse conhecimento será útil nas negociações após o vencimento do Protocolo de Madri em 2048, quando serão discutidos mais uma vez os rumos da exploração da Antártica.

5. DISCUSSÃO

5.1 AS AÇÕES RUSSAS E OS INTERESSES BRASILEIROS NA AMÉRICA DO SUL E CARIBE

Como já foi abordado no Capítulo 3, o maior interesse brasileiro na América do Sul e Caribe é a manutenção da estabilidade regional.

A Rússia, por sua vez, visualiza sua presença na América do Sul e Caribe como um movimento estratégico e político. Além de buscar aliados para uma estrutura mundial multipolar, a Rússia visa atuar na região, tradicionalmente sob influência dos EUA, para contrabalancear a presença norte-americana no seu entorno.

Dessa forma, as ações russas na América do Sul e Caribe estão mais relacionadas às tensões entre a Rússia e os Estados Unidos. Entretanto, essa tensão pode causar zonas de instabilidade nessa área criam tensões fronteiriças e diplomáticas, indo de encontro aos interesses brasileiros, como exemplo da crise na Venezuela, o que compromete os Objetivos Nacionais De Defesa de manutenção da estabilidade regional e da manutenção da paz.

5.2 AS AÇÕES RUSSAS E OS INTERESSES BRASILEIROS NOS PAÍSES LINDEIROS DA ÁFRICA

Os principais interesses brasileiros, junto aos países africanos banhados pelo Atlântico Sul visam à manutenção da estabilidade regional. O Brasil possui posição de liderança em diversos órgãos, como a CPLP, que conta com a participação de diversos países africanos. O País, também, tem diversos projetos de cooperação tecnológica e de defesa com diversos países africanos, além da venda de aeronaves e embarcações para esses países, contribuindo para o desenvolvimento da indústria nacional de defesa.

A Rússia, por sua vez, possui uma política mais agressiva na defesa de seus interesses no continente. Suas estratégias de cooperação militar estão atreladas à exploração mineral e ao comércio de armas. O país também promete não intervir nem pressionar governos locais.

Sendo assim, verifica-se que as ações russas nos países lindeiros da África podem atrapalhar os interesses brasileiros de duas formas. A primeira é como concorrente em cooperação militar e fornecimento de equipamentos bélicos, prejudicando o desenvolvimento da indústria nacional de defesa. A segunda é pelo risco de aumento das tensões na região por meio de sua presença militar no continente, ameaçando a manutenção da paz e da estabilidade regional.

5.3 AS AÇÕES RUSSAS E OS INTERESSES BRASILEIROS NO ATLÂNTICO SUL

O principal interesse do Brasil no Atlântico Sul é a manutenção da paz e estabilidade da região. Dessa forma, buscou a formação de estratégias de cooperação entre os países da região, como o ZOPACAS, o qual exerce papel de liderança. Além disso, o País busca defender os interesses nacionais no oceano pela importância da área para o comércio externo brasileiro e as suas riquezas naturais.

Como foi observado no Capítulo 4, a Rússia ainda não possui ações de vulto na região. Porém, sua cooperação naval com a marinha da África do Sul concorre com a iniciativa brasileira do exercício IBSAMAR. Embora pouco

atuantes na área, os russos foram muito mais contundentes em sua ação. A suspeita de que o navio russo Yantar tivesse mapeado cabos submarinos na costa brasileira, põe em xeque a segurança das comunicações nacionais com o resto do mundo, ameaçando a soberania brasileira.

5.4 AS AÇÕES RUSSAS E OS INTERESSES BRASILEIROS NA ANTÁRTICA

Os interesses brasileiros na Antártica são os de contribuir para a estabilidade regional, de intensificar a projeção do Brasil no concerto das nações e estar inserido em processos decisórios internacionais.

A Rússia possui uma presença importante na região desde a era soviética, sendo membro consultivo do Tratado da Antártica desde a sua assinatura em 1959. O país possui grandes interesses no continente, desde estruturas para o funcionamento do GLONASS, até interesses nos recursos naturais e minerais da região, a partir da revisão do Protocolo de Madri em 2048.

Em princípio, não há choque entre os interesses brasileiros e as ações russas na Antártica. Os interesses dos dois países são ligeiramente diferentes, com a Rússia tendo uma aspiração de exploração econômica da área a partir de 2048.

6. CONCLUSÃO

A assunção de Vladimir Putin, em 2000, deu início uma política exterior voltada para devolver à Rússia seu status de grande potência. Para isso, o país vem se aproveitando do legado, militar e político, herdado da extinta União Soviética.

Nessa busca para recuperar seu status de ator global, a Rússia adota a estratégia de diversificar suas relações exteriores, contrabalancear o poder dos Estados Unidos e defender a criação de uma ordem internacional multipolar. Dentro desse contexto, o Entorno Estratégico Brasileiro é palco de diversas ações russas visando alcançar seus objetivos.

Em síntese, as ações russas no Entorno Estratégico Brasileiro fazem parte de um quadro maior de disputa geopolítica entre EUA e Rússia. Diante desse

quadro, cada uma das potências avança no que a outra considera como seu entorno estratégico com a finalidade de aumentar seu poder de barganha.

Verifica-se que o principal objetivo brasileiro em seu entorno estratégico é a estabilidade regional, mantendo a área livre de conflitos de grande escala, principalmente na América do Sul e Atlântico Sul, a fim de não atrair potências extrarregionais para a área.

Dessa forma, as ações russas vão de encontro aos interesses brasileiros no seu entorno estratégico de duas formas. Primeiramente, quando aumentam a tensão na área, trazendo o risco de conflitos para perto de suas fronteiras, como o ocorrido com a Venezuela. E em segundo lugar, quando competem em termos de cooperação militar e fornecimento de material bélico.

Dessa forma, é impositivo que o Brasil esteja atento às ações de potências estrangeiras no EEB. É necessário que o País assuma e exerça a liderança do seu entorno estratégico, impedindo, ou, ao menos, dificultando a entrada de potências extrarregionais na área, sob o risco de provocar instabilidade na região. Isso dará respaldo para promover a estabilidade regional por meio da liderança brasileira, ou de conduzir eventuais mediações de conflitos.

Por fim, para que o Brasil possa garantir seus Objetivos Nacionais de Defesa, principalmente de paz e estabilidade regional, é necessário o fortalecimento de suas Forças Armadas, a égide das ações políticas.

REFERÊNCIAS

ABDENUR, Adriana Erthal e NETO, Danilo Marcondes De Souza. **O Atlântico Sul e a cooperação em defesa entre o Brasil e a África.** O Brasil e a Segurança no seu Entorno Estratégico: América do Sul e Atlântico Sul, p. 215–238, 2014.

AFP. **Rússia apresenta em reunião de Sochi suas ambições para a África.** Disponível em: <<https://www.em.com.br/busca?autor=AFP>>. Acesso em: 14 jul 2020a.

AFP. **Rússia exhibe armamento militar em fórum para seduzir África.** Disponível em: <https://www.em.com.br/app/noticia/internacional/2019/10/24/interna_internacional,1095594/russia-exibe-armamento-militar-em-forum-para-seduzir-africa.shtml>. Acesso em: 14 jul 2020b.

AGÊNCIA EFE. **Pentágono afirma que tropas russas continuam na Venezuela.** Disponível em: <<https://noticias.r7.com/internacional/pentagono-afirma-que-tropas-russas-continuam-na-venezuela-09072019>>. Acesso em: 26 jul 2020.

BARRETO, Lane. **Brasil tem nova base de pesquisas no continente Antártico.** Disponível em: <www.defesanet.com.br/naval/noticia/35474/Brasil-tem-nova-base-de-pesquisas-no-continente-Antartico-/>. Acesso em: 5 jun 2020.

BBC. **África é o novo campo de disputa entre Rússia e China por influência comercial e política.** BBC, p. 1–15, 2018a. Disponível em: <<https://www.bbc.com/portuguese/internacional-45257031>>.

BBC. **Por que bombardeiros russos estão aterrissando na Venezuela.** Disponível em: <<https://www.bbc.com/portuguese/internacional-46536262>>. Acesso em: 15 jul 2020b.

BRASIL. **Brasil e África do Sul vão unir bases industriais de Defesa para ter maior competitividade no mercado internacional.** Disponível em: <[/noticias/13643-brasil-e-africa-do-sul-va-0-unir-suas-bases-industriais-de-defesa-em-busca-de-maior-competitividade-no-mercado-internacional](https://noticias/13643-brasil-e-africa-do-sul-va-0-unir-suas-bases-industriais-de-defesa-em-busca-de-maior-competitividade-no-mercado-internacional)>. Acesso em: 1 jun 2020a.

BRASIL. **BRICS – Brasil, Rússia, Índia, China e África do Sul.** Disponível em: <<http://www.itamaraty.gov.br/pt-BR/politica-externa/mecanismos-inter-regionais/3672-brics>>. Acesso em: 29 mar 2020.

BRASIL. **CONSTITUIÇÃO DA REPÚBLICA FEDERATIVA DO BRASIL DE 1988.** Brasília: [s.n.], 1988. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/constituicao/constituicao.htm>.

BRASIL. **COOPERAÇÃO NA ÁREA DA DEFESA.** Disponível em: <<http://www.abc.gov.br/imprensa/mostrarconteudo/499>>. Acesso em: 3 jun 2020b.

BRASIL. **De Geografia E Estatística - Ibge**. Rio de Janeiro: [s.n.], 2011. v. 8. Disponível em: <<https://biblioteca.ibge.gov.br/visualizacao/livros/liv49694.pdf>>.

BRASIL. **DEFESA - Brasil e Namíbia querem expandir cooperação bilateral na área militar**. Disponível em: <<https://www.defesa.gov.br/noticias/4231-22-02-2013-defesa-brasil-e-namibia-querem-expandir-cooperacao-bilateral-na-area-militar>>. Acesso em: 5 jun 2020a.

BRASIL. **Livro Branco de Defesa Nacional**. [S.l.]: Diário Nacional, 2012a.

BRASIL. **Marinha participa de operação internacional para capacitar países africanos no patrulhamento do Golfo da Guiné**. Disponível em: <[/noticias/15608-marinha-participa-de-operacao-internacional-para-capacitar-paises-africanos-no-patrulhamento-do-golfo-da-guine](https://www.defesa.gov.br/noticias/15608-marinha-participa-de-operacao-internacional-para-capacitar-paises-africanos-no-patrulhamento-do-golfo-da-guine)>. Acesso em: 4 jun 2020.

BRASIL. **Ministro da Defesa viaja à África para ampliar cooperação com Angola e Namíbia**. Disponível em: <[/noticias/4226-17-02-2013-defesa-ministro-da-defesa-viaja-a-africa-para-ampliar-cooperacao-com-angola-e-namibia](https://www.defesa.gov.br/noticias/4226-17-02-2013-defesa-ministro-da-defesa-viaja-a-africa-para-ampliar-cooperacao-com-angola-e-namibia)>%0ABrasília,>. Acesso em: 1 jun 2020b.

BRASIL. **Operação Felino**. Disponível em: <<https://www.defesa.gov.br/exercicios-e-operacoes/exercicios-militares/operacao-felino>>. Acesso em: 3 jun 2020.

BRASIL. **Operação Ibsamar VI reunirá militares das Marinhas da África do Sul, do Brasil e da Índia**. Disponível em: <[/noticias/43240-operacao-ibsamar-vi-reunira-militares-das-marinhas-da-africa-do-sul,-do-brasil-e-da-india](https://www.defesa.gov.br/noticias/43240-operacao-ibsamar-vi-reunira-militares-das-marinhas-da-africa-do-sul,-do-brasil-e-da-india)>. Acesso em: 4 jun 2020.

BRASIL. **Organização do Tratado de Cooperação Amazônica (OTCA)**. Disponível em: <[http://www.itamaraty.gov.br/pt-BR/politica-externa/integracao-regional/691-organizacao-do-tratado-de-cooperacao-amazonica-otca#:~:text=A conveniência de conjugar esforços,Estados que partilham o território](http://www.itamaraty.gov.br/pt-BR/politica-externa/integracao-regional/691-organizacao-do-tratado-de-cooperacao-amazonica-otca#:~:text=A%20conveni%C3%ancia%20de%20conjugar%20esfor%C3%A7os,Estados%20que%20partilham%20o%20territ%C3%B3rio)>. Acesso em: 5 jun 2020.

BRASIL. **Política Nacional de Defesa. Estratégia Nacional de Defesa**. Diário Oficial da União - Seção 1 - 26/9/2013, Página 1. [S.l: s.n.], 2012b. Disponível em: <http://www.defesa.gov.br/arquivos/estado_e_defesa/END-PND_Optimized.pdf>.

BRASIL. **Tratado da Antártica e Protocolo de Madri**. . Brasília: Comissão Interministerial para os Recursos do Mar. Secretaria da Comissão. Disponível em: <<https://www.marinha.mil.br/secirm/sites/www.marinha.mil.br/secirm/files/tratado-protocolo-madri.pdf>>. , 2016

BRASIL. **XXII CICLO DE ESTUDOS ESTRATÉGICOS**. 2020, Rio de Janeiro: ECEME, 2020.

CALDAS, Aderson de Oliveira. **A ZOPACAS e o Brasil : o discurso e as práticas brasileiras na iniciativa de paz e cooperação do Atlântico Sul**. Universidade de Brasília, p. 41, 2013. Disponível em: <https://bdm.unb.br/bitstream/10483/7908/1/2013_AdersondeOliveiraCaldas.pdf>.

CASTRO, Therezinha De. **Rumo a Antártica**. Rio de Janeiro: Freitas Bastos, 1976.

COSTA, Wanderley Messias Da. **Projeção do Brasil no Atlântico Sul : geopolítica e estratégia**. Revista franco-brasileira de geografia, v. 22, p. 16, 2014. Disponível em: <<https://journals.openedition.org/confins/9839?lang=pt>>.

DALA, Edna. **Rússia propõe criação de centro regional de helicópteros e aviões**. Disponível em: <http://jornaldeangola.sapo.ao/politica/russia_propoe_criacao_de_centro_regional_d_e_helicopteros_e_avioes>. Acesso em: 26 jul 2020.

DEFESANET. **Nicarágua descarta bases militares russas em seu território**. Disponível em: <<https://www.defesanet.com.br/geopolitica/noticia/14451/Nicaragua-descarta-bases-militares-russas-em-seu-territorio/>>. Acesso em: 2 ago 2020.

DEFESANET. **Putin completa 20 anos no poder**. Disponível em: <www.defesanet.com.br/russiadocs/noticia/33831/Putin-completa-20-anos-no-poder/>. Acesso em: 19 mar 2020a.

DEFESANET. **Rússia leva bombardeiros nucleares à África enquanto Putin recebe líderes do continente**. Disponível em: <<https://www.defesanet.com.br/russiadocs/noticia/34651/Russia-leva-bombardeiros-nucleares-a-Africa-enquanto-Putin-recebe-lideres-do-continente/>>. Acesso em: 14 jul 2020b.

DEFESANET. **VENEZUELA – Chegam mais Tanques e Artilharia**. Disponível em: <<https://www.defesanet.com.br/geopolitica/noticia/1161/VENEZUELA---Chegam-mais-Tanques-e-Artilharia-/>>. Acesso em: 2 ago 2020.

DIÁRIO DO NORDESTE. **Inace faz acordos com a Namíbia e a Marinha**. Disponível em: <<https://diariodonordeste.verdesmares.com.br/negocios/inace-faz-acordos-com-a-namibia-e-a-marinha-1.601566>>. Acesso em: 5 ago 2020.

ESTADÃO. **Rússia está próxima de instalar base militar na Venezuela**.

ESTADOS UNIDOS DA AMÉRICA. **National Security Strategy of the United States of America, 2006, 2015**. Foundations of Homeland Security: Law and Policy: Second Edition. Washington DC: [s.n.], 2017. Disponível em: <<https://www.whitehouse.gov/wp-content/uploads/2017/12/NSS-Final-12-18-2017-0905.pdf>>.

EUA. **Central Asia: Russia — The World Factbook**. Disponível em: <https://www.cia.gov/library/publications/the-world-factbook/geos/print_rs.html>. Acesso em: 19 mar 2020.

FOY, Henry e MUNSHI, Neil. **Putin seeks friends and influence at first Russia-Africa summit**. Financial Times, 2019. Disponível em: <<https://www.ft.com/content/f20dbcc2-f17b-11e9-ad1e-4367d8281195>>.

FRANCE PRESSE. **Putin completa 20 anos no poder**. Disponível em: <<https://g1.globo.com/mundo/noticia/2019/08/08/putin-completa-20-anos-no-poder.ghtml>>. Acesso em: 16 mar 2020.

FREITAS, Jorge Manoel da Costa. **A Escola Geopolítica Brasileira**. Rio de Janeiro: Biblioteca do Exército, 2004.

GAZETA DIGITAL. **Os Interesses brasileiros na América do Sul**. Gazeta Digital, p. 1–2, 2007. Disponível em: <<https://www.gazetadigital.com.br/imprime.php?cid=221140&sid=32>>.

GEOMERCOSUL. **Presidente boliviano destaca importância da presença da Rússia na América Latina**. Disponível em: <<https://wp.ufpel.edu.br/geomercosul/2019/07/13/presidente-boliviano-destaca-importancia-da-presenca-da-russia-na-america-latina/>>. Acesso em: 1 mar 2020.

GODOY, Roberto. **Cenário: Uma máquina de coletar informações de cabos submarinos**. O Estado de São Paulo, 2020. Disponível em: <<https://internacional.estadao.com.br/noticias/geral,cenario-uma-maquina-de-coletar-informacoes-de-cabos-submarinos,70003205160>>.

GODOY, Roberto. **Embraer vende por US \$ 94 mi seis Super Tucano a Angola**. O Estado de São Paulo, 2013. Disponível em: <<https://economia.estadao.com.br/noticias/geral,embraer-vende-por-us-94-mi-seis-super-tucano-a-angola-imp-,991597>>.

GOLUB, DMÍTRI. **Rússia construirá estações do Glonass em Angola**. Disponível em: <<https://br.rbth.com/ciencia/82824-russia-construira-estacoes-glonass-angola>>. Acesso em: 2 ago 2020.

HARRIS, Stephen. **Ameaça Abaixo da Superfície: Vulnerabilidade de Cabos Submarinos**. Disponível em: <<https://www.marsh.com/br/insights/risk-in-context/ameaca-abaixo-da-superficie--vulnerabilidade-de-cabos-submarinos.html>>. Acesso em: 27 jul 2020.

LAFER, Celso. **Relações Internacionais, Política Externa e Diplomacia Brasileira: Pensamento e Ação**. [S.l: s.n.], 2018. v. 1.

LIMA, Lioman. **O que é o ‘modelo sírio’ que a Rússia adota na Venezuela e por que ele tem dado certo**. Disponível em: <<https://www.bbc.com/portuguese/internacional-48421661>>. Acesso em: 12 mar 2020.

MATTOS, Vivian. **Cooperação em defesa e a presença sino-russa no Atlântico Sul**. Boletim Geocorrente Escola de Guerra Naval, p. 6, Dez 2019. Disponível em: <https://www.marinha.mil.br/egn/sites/www.marinha.mil.br/egn/files/flipping_book/index_105/index.html#p=1>.

MESQUITA, João Lara. **Continente Antártico, por que tanto interesse?** Disponível em: <<https://marsemfim.com.br/continente-antartico-por-que-tanto-interesse/>>. Acesso em: 5 jun 2020.

MONTEIRO, Tânia. **Navio russo suspeito de espionagem coloca Marinha brasileira em alerta**. Disponível em: <www.defesanet.com.br/russiadocs/noticia/35853/Navio-russo-suspeito-de>

espionagem-coloca-Marinha-brasileira-em-alerta/>. Acesso em: 21 fev 2020.

NASSER, Reginaldo Mattar e MORAES, Rodrigo Fracalossi De. **O Brasil e a Segurança no seu Entorno Estratégico: América do Sul e Atlântico Sul**. Brasília: Ipea, 2014.

OTÁLVORA, Edgar C. **Relatório Otálvora: Rússia coordena ações com Cuba e Maduro**. Disponível em: <www.defesanet.com.br/ven/noticia/33913/Relatorio-Otalvora--Russia-coordena-acoes-com-Cuba-e-Maduro/>. Acesso em: 12 mar 2020.

OTCA. **AGENDA ESTRATÉGICA DE COOPERAÇÃO AMAZÔNICA**. . Brasília: [s.n.], 2010.

PELZ, Daniel. **Rússia alarga cooperação militar com países africanos**. Deutsche Welle, 2018. Disponível em: <<https://p.dw.com/p/2ytwY>>.

PICHEL, Mar. **La era Putin en América Latina: cuáles son los objetivos estratégicos de Rusia en la región Quizás también te interese**. Disponível em: <<https://www.bbc.com/mundo/noticias-america-latina-53219910>>. Acesso em: 16 jul 2020.

PIMENTEL, Samuel. **Fortaleza tem o segundo maior hub de cabos do mundo**. Disponível em: <<https://www.opovo.com.br/jornal/economia/2019/02/32190-fortaleza-tem-o-segundo-maior-hub-de-cabos-do-mundo.html>>. Acesso em: 27 jul 2020.

PRAZERES, Flávio Luiz Lopes Dos. **O Brasil e a CPLP : oportunidade a ser ainda mais explorada**. Disponível em: <www.defesanet.com.br/pensamento/noticia/31646/O-Brasil-e-a-CPLP--oportunidade-a-ser-ainda-mais-explorada/>. Acesso em: 3 jun 2020.

RECH, Rui Cesar. **Cooperação internacional para desenvolvimento e segurança da Amazônia**. A Defesa Nacional, v. 2º Semestr, p. 68 a 80, 2017.

RFI. **Construção do satélite angolano AngoSat-2 arranca amanhã**. Disponível em: <<https://www.rfi.fr/pt/angola/20180423-construcao-do-satelite-angolano-angosat-2-arranca-amanha>>. Acesso em: 26 jul 2020.

RIBEIRO, João Matheus. **Maiores Economias do Mundo (PIB em trilhões de US \$ - 2012-2019)**. Disponível em: <http://www.funag.gov.br/ipri/images/analise-e-informacao/01-Maiores_Economias_do_Mundo.pdf>. Acesso em: 29 mar 2020.

RIBEIRO, Neidy. **África lusófona à procura de investimento russo**. Disponível em: <<https://www.rfi.fr/pt/angola/20191022-africa-lusofona-procura-de-investimento-russo>>. Acesso em: 16 jul 2020.

RIOS, Marcelo. **China ou Rússia, afinal, quem é a 2ª maior potência militar do mundo?** Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=S17kT3O_vPI>. Acesso em: 29 mar 2020.

RIOS, Marcelo. **Yantar, o navio espião russo avistado na costa brasileira – Por que ele é tão temido?** Disponível em:

<<https://www.youtube.com/watch?v=WHHq1XbXOCM>>. Acesso em: 20 jun 2020.

RÔZIN, ÍGOR. **A pós Brasil , África do Sul ganha estação terrestre do Glonass.** Disponível em: <https://br.rbth.com/brics/2017/03/01/apos-brasil-africa-do-sul-ganha-estacao-terrestre-do-glonass_711543>. Acesso em: 2 ago 2020.

RUSAKOVA, Tatiana. **Rússia busca parceria com A mérica Latina no combate às drogas.** Disponível em: <https://br.rbth.com/articles/2012/03/05/russia_busca_parceria_com_america_latina_no_combate_as_drogas_14276>. Acesso em: 2 ago 2020.

RÚSSIA. **Concepción de la política exterior de la Federación de Rusia.** Disponível em: <https://www.mid.ru/foreign_policy/news/-/asset_publisher/cKNonkJE02Bw/content/id/2542248?p_p_id=101_INSTANCE_cKNonkJE02Bw&_101_INSTANCE_cKNonkJE02Bw_languageId=es_ES>. Acesso em: 25 mar 2020.

RÚSSIA. **The Russian Federation's National Security Strategy.** Russian Federation. [S.l.: s.n.], 2015. Disponível em: <<http://www.ieee.es/Galerias/fichero/OtrasPublicaciones/Internacional/2016/Russian-National-Security-Strategy-31Dec2015.pdf>>.

SAHUQUILLO, María R. **A Rússia retorna à África.** El País Brasil, n. May 2019, p. 1–10, 2019a. Disponível em: <https://brasil.elpais.com/brasil/2019/04/30/internacional/1556637150_076733.html>.

SAHUQUILLO, María R. **Putin promove integração da Crimeia cinco anos depois da sua anexação.** Disponível em: <https://brasil.elpais.com/brasil/2019/03/17/internacional/1552845420_653170.html>. Acesso em: 19 mar 2020b.

SAHUQUILLO, María R. e LAFUENTE, Javier. **Rússia estreita laços com a Venezuela e intensifica disputa com os EUA.** Disponível em: <<https://brasil.elpais.com/internacional/2020-02-10/russia-estreita-lacos-com-a-venezuela-e-intensifica-disputa-com-os-eua.html>>. Acesso em: 16 jul 2020.

SECCHES, Daniela Vieira. **GPPM : Análises da Conjuntura econômica e política internacional Departamento de Relações Internacionais da PUC Minas policêntrico e emergente.** Disponível em: <<https://grupoemergentes.wordpress.com/2014/07/21/vladmir-putin-na-america-latina-parcerias-em-um-mundo-policentrico-e-emergente/>>. Acesso em: 11 mar 2020.

SECRETARÍA DEL TRATADO ANTÁRTICO. **Compilación de documentos fundamentales del sistema del Tratado Antártico.** Buenos Aires: Secretaría del Tratado Antártico, 2019. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/decreto/1970-1979/d75963.htm>.

SILVA, Angélica Venter Da e colab. **As Dinâmicas Históricas e Geopolíticas do Sexto Continente: a Relevância da Antártica para a Projeção Internacional do Brasil.** Laboratório de Estudos em Defesa e Segurança (LEDS). Brasília: [s.n.].

Disponível em: <https://www.gov.br/defesa/pt-br/arquivos/ensino_e_pesquisa/defesa_academia/cadn/artigos/xvi_cadn/asa_dinami_casa_historica_ea_geopolitica_doa_sextoa_continentea_aa_relevancia_daa_antartica_paraa_aa_projeao_internacionala_doa_brasil.pdf>. , 2019

SPUTNIK BRASIL. **Moscú ajuda América Latina na luta contra tráfico de drogas.** Disponível em: <<https://br.sputniknews.com/americas/201711169848605-russia-america-latina-drogas/>>. Acesso em: 2 ago 2020.

SPUTNIK BRASIL. **Presidente boliviano destaca importância da presença da Rússia na América Latina.** Disponível em: <<https://br.sputniknews.com/americas/2019071114191656-presidente-boliviano-destaca-importancia-da-presenca-da-russia-na-america-latina/#:~:text=Presidente boliviano destaca importância da presença da Rússia na América Latina,-© REUTERS %2F Kirill&text=O pr>>. Acesso em: 23 jul 2020.

SPUTNIK BRASIL. **Rússia entregará à Nigéria 7 helicópteros Mi-35, revela fonte.** Disponível em: <<https://br.sputniknews.com/defesa/2020012015026583-russia-entregara-a-nigeria-7-helicopteros-mi-35-revela-fonte/>>. Acesso em: 26 jul 2020.

TIRADO, Arantxa e ESCALANTE, Félix Caballero e DEU, Marianna Braghini Deus. **Rússia na América Latina: ameaça aos EUA?** Revista Opera, p. 1–9, Ago 2018. Disponível em: <<https://revistaopera.com.br/2019/08/18/russia-na-america-latina-ameaca-aos-eua>>.

TRAVASSOS, Mario. **Projeção Continental do Brasil.** 3ª Edição ed. São Paulo - Rio de Janeiro - Recife - Porto Alegre: Companhia Editora Nacional, 1938.

TSVETKOVA, Maria e ZVEREV, Anton. **Exclusivo: empreiteiros ligados ao Kremlin ajudam a proteger Maduro na Venezuela - fontes.** Disponível em: <<https://www.reuters.com/article/us-venezuela-politics-russia-exclusive/exclusive-kremlin-linked-contractors-help-guard-venezuelas-maduro-sources-idUSKCN1PJ22M>>. Acesso em: 2 ago 2020.

TULÚPOV, Dmitri. **O que o Kremlin busca na Antártica?** Disponível em: <https://br.rbth.com/ciencia/2014/12/11/o_que_busca_o_kremlin_na_antartica_28677>. Acesso em: 28 jul 2020.

UCLA INTERNATIONAL INSTITUTE. **Is Russia's Experiment with Democracy Over?** Disponível em: <<http://www.international.ucla.edu/article.asp?parentid=16294>>.

VALDUGA, Fernando. **Angola recebe em setembro o primeiro lote de helicópteros Mi-24P modernizados.** Disponível em: <<https://www.cavok.com.br/angola-recebe-em-setembro-o-primeiro-lote-de-helicopteros-mi-24p-modernizados>>. Acesso em: 26 jul 2020.

VENTAS, Leire. **Cercada de sigilo, estação de satélite russa na Nicarágua alimenta debate sobre espionagem e inquieta EUA.** Disponível em: <<https://www.bbc.com/portuguese/internacional-40403283>>. Acesso em: 11 mar 2020.

VINHOLES, Thiago. **AVIÕES DE ATAQUE SUPER TUCANO A**. Disponível em: <<https://www.airway.com.br/embraer-vende-avioes-de-ataque-super-tucano-agana/>>. Acesso em: 5 ago 2020.